N.º 260 — 11.º ano

16-OUTUBRO-1936

PREÇO-5 escudos

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

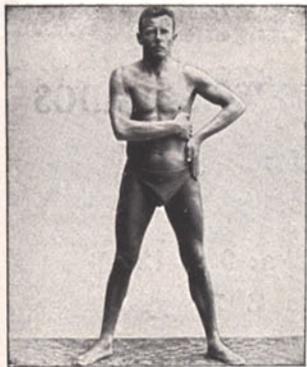
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Um livro aconselhavel a toda a gente

A SAÚDE A TROCO

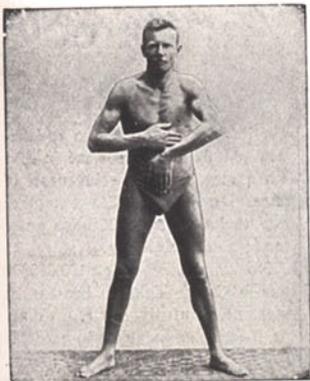
de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

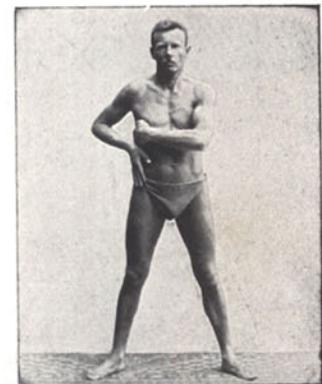
POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um grande sucesso de livraria

DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a côres, broch. Esc. 12$00; encad. Esc. 17$00; pelo correio à cobrança mais 1$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: — 2 0535

N.º 260 — 11.º ANO
16-OUTUBRO-1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

"O entêrro do Conde de Orgaz"

Após a libertação dos heróicos cadetes do Alcáçar de Toledo, constou que a fúria marxista havia destruído a magistral tela do Greco em que se apresenta "O entêrro do Conde de Orgaz".

Um profundo pesar pairou sôbre a alma de todos os que, nestes dessorados tempos que vão correndo, ainda sentem a atracção do que é belo.

A perda dêsse precioso quadro não só afectava o património artístico da visinha Espanha, mas entristecia o mundo inteiro.

O Greco levou catorze anos a pintá-lo. Êste cálculo foi estabelecido pelo filho do conde de Orgaz que figura na tela em duas idades. Aparece aos pés de seu pai com oito anos, e surge já homem, mesmo sôbre a mitra do bispo, na pujança das suas vinte e duas primaveras.

E' claro que o Greco não levou os catorze anos a pintar, consecutivamente, o seu quadro.

O facto explica-se assim: Tendo começado a pintar o quadro, o pintor colocou aos pés do defunto o filho que, de luto pesado, ajoelhava segurando uma tocha. Tinha o pequeno, nessa altura, oito anos. Como o *Ayuntamiento*, que encomendara a tela, faltasse ao cumprimento do contrato que regulava o pagamento, o Greco pôs o trabalho de parte, no firme propósito de não mais lhe pegar enquanto não lhe pagassem o que ficara estabelecido. Decorreram catorze anos. Foi então que o *Ayuntamiento*, governado por pessoas mais generosas e cumpridoras, se decidiu saldar as contas com o pintor que imediatamente meteu mãos à obra, concluindo o quadro. O filho do conde de Orgaz era já um esbelto rapaz de vinte e dois anos, que em nada se parecia ao tímido petiz da primeira fase. E assim, o pintor, seguindo o uso de então, retratou-o cheio de mocidade e vigor.

A destruição daquela tela primorosa constituía uma perda irreparável.

Felizmente, um telegrama de Talavera de la Reina, publicado pelo "A B C", de Sevilha, trouxe-nos a seguinte boa notícia:

"Os sepulcros dos reis na Catedral de Toledo foram respeitados, o mesmo sucedendo ao famoso quadro "O entêrro do Conde de Orgaz". As capelas e os monumentos não apresentam danos dignos de menção. No entanto, desapareceram as valiosíssimas joias que ali se guardavam, e cuja importância é impossível determinar até que se faça um minucioso inventário".

A horda devastadora que por ali passou deixou, como seria de esperar o seu rasto indelével. Mas poupou o quadro do Greco, por não compreender o seu altíssimo valor...

E' possível que, vendo a imagem de Jesus, a dominar o quadro, o tivesse destruido... Mas, na precipitação da fuga, nem tempo teve para consumar êsse horroroso vandalismo.

NOS TEMPOS DO BOMTEMPO

A vil traição de Marcos Portugal

Explica-se o motivo do abandono a que foi votado

D. Maria II

Quando se estabelece o confronto entre os dois grandes músicos portugueses Marcos Portugal e João Domingos Bomtempo, surge a supremacia do primeiro, mas tão debilmente que logo se desvanece. Marcos Portugal poderia ter mais talento que Bomtempo, mas não conseguiu nunca captar a simpatia dos portugueses.

Há dez anos, quando um grupo de indivíduos de boa vontade pugnou pela trasladação dos restos mortais do grande maestro Marcos Portugal para a sua pátria, houve quem supuzesse que Lisboa embandeiraria em arco, numa homenagem tão aparatosa quão tardia. Não sucedeu assim.

Da outra banda do Atlântico, Rui Chianca pugnava entusiasticamente:

D. Pedro IV

«A boa estrêla de Marcos Portugal apagou-se aqui, depois da partida de D. João VI para a côrte; e mercê do condenavel desamparo em que o deixou o seu imperial discípulo D. Pedro I. Bem quizera o extraordinário compositor regressar à Pátria e assim o teria cumprido se a doença o não houvera imobilisado levando-o a aceitar a esmola que lhe oferecia a generosa marquêsa de Aguiar, em cuja casa veio a falecer, pobre e esquecido de quantos primeiro o haviam aplaudido e lisonjeado. E, porque foi assim, atribuiremos ao Brasil a culpa de tão injustos sofrimentos? Seria de loucos fazê-lo!

"Muitos anos decorreram sôbre a morte do musico; e ter-se-ia perdido talvez memória do logar onde jazia se não fôsse o piedoso coração do ilustre riograndense Araujo Pôrto Alegre, que tirando-lhe os ossos da sepultura, os preservou dos estragos do esquecimento, guardando-os na urna onde se encontram e em cujas faces mandou pintar a inscrição que repete uma data bem conhecida, embora ainda não provada com documentos irrefutaveis.

"Ás memórias da marquêsa de Aguiar e de Araujo Pôrto-Alegre, como ao nome venerado do Rev.º Fr. Pedro Sinzig — outro artista sábio, digno superior do Mosteiro de Santo António, que deu à preciosa urna um logar de respeito na sacristia da sua igreja — deve o meu País um grande preito de admiração e reconhecimento.

"Mas, se existe a urna com as cinzas — graças a estas almas eleitas — e se, por êsse facto, Portugal deseja prestar a esta sua e tão legitima glória musical a homenagem que lhe deve, emendando as injustiças de que foi vítima na vida e na morte, porque se ha-de opôr dificuldades a tão generosa intenção?!

"Ficam no Brasil, os restos gloriosos de José Mauricio. Devem ficar na sua Pátria os restos não menos gloriosos de Marcos Portugal, e ambos os paizes guardarão as cinzas que lhes pertencem.

"Diz o venerando superior de Santo António que o que a Colónia Portuguêsa deve é cotisar-se para erguer um mausoleu a Marcos Portugal no Mosteiro onde êle foi enterrado.

"Teria razão S. Rev. se não fosse muito maior a homenagem que lhe queremos prestar dando-lhe por túmulo o Panteão Nacional de Lisboa, onde jazem as máximas glórias da nossa Pátria, desde Gama e Camões a Herculano e Junqueiro».

Finalmente, no dia 7 de Fevereiro de 1931, os restos mortais de Marcos Portugal, trazidos do Brasil por Bento Carqueja, ficaram depositados numa das criptas da igreja de Santa Isabel, onde aguardarão túmulo definitivo. Esta cerimónia, tendo passado quási despercebida, levou alguem a supôr que a Pátria mais uma vez fôra ingrata para êste seu filho ilustre.

Mas ingrata porquê? Por esquecer um português que várias vezes a atraiçoou?

Se homenagens são devidas a um grande músico da época de Marcos Portugal, prestem-nas a João Domingos Bomtempo que bem as merece.

Filho do musico Francesco Buontempo que o rei D. José contratara em Itália, e que tão perfeitamente se adaptara à nossa Pátria que até o nome transformou em Francisco Xavier Bomtempo, no momento de se naturalizar português, o jovem Bomtempo teve bom mestre e conselheiro.

Aos catorze anos de idade era o primeiro oboé da orquestra real. Seu pai, falecido em 1795, deixara uma numerosa família em precárias circunstâncias. A generosidade do rei nomeou o jovem Bomtempo para o logar de seu pai, com o encargo de sustentar mãe e irmãs, visto os irmãos terem encontrado colocação.

Nesta ocasião, Marcos Portugal encontrava-se na Itália ampliando os seus estudos musicais, mercê do auxílio que a família real portuguesa lhe dispensava.

Marcos Portugal

Bomtempo, influído com êste exemplo conseguiu transpôr a fronteira, indo parar a Paris com a alma cheia de esperanças, uma simples carta de recomendação e duas peças de oiro na algibeira. A numerosa colónia portuguesa que então se encontrava na capital francesa prestou-lhe auxílio, tendo Filinto Elisio repartido com êle o pouco que lhe restava.

Triunfou. Como em 1802 chegasse a Paris o maestro Muzio Clementi, criador da moderna escola de piano, Bomtempo aproveitou tanto os seus ensinamentos que, a breve trecho, possuía os mesmos processos do estilo.

Tendo seguido para Londres, conquistou logo tão grande nomeada, que foi escolhido para professor da filha da marquesa de Hamilton. Todos os salões da alta aristocracia britanica se lhe abriram de par em par.

Quando chegou à capital inglesa a expulsão dos franceses do território português, o conde do Funchal, D. Domingos de Sousa Coutinho, na sua qualidade de embaixador, quis celebrar êste facto, dando uma festa, que, pelo seu esplendor, ficasse memoravel. Para isto contou com a valiosa colaboração do maestro Bomtempo que compôs expressamente uma cantata que intitulou "Hino Lusitano». Esta composição foi aplaudida com o maior entusiasmo pelo que de melhor havia na sociedade inglesa.

Regressando a Portugal, Bomtempo, sofreu os embates da guerra civil, e, apesar de contar com altas protecções, teve de refugiar-se, no consulado da Rússia a cuja frente se encontrava o seu íntimo amigo Carlos Razewitch. Ali se conservou até à implantação do regime constitucional. Assim se explica que D. Pedro IV o condecorasse e fizesse professor de sua filha, recuperando vantajosamente o prestígio que conquistára, em tempos, na Côrte.

Foi esta a vida do Bomtempo.

E Marcos Portugal?

Êsse, embora devesse enormes favores à família real portuguesa, nunca se esquivou a prestar os seus serviços à França que nos ameaçava. Em 1804, encontrando-se em Lisboa como embaixador o general Lannes, êste diplomata mandou celebrar um *Te Deum* na igreja do Loreto, em honra de Bonaparte. Foi Marcos Portugal quem compôs a música e a regeu. Á noite, foi ainda Marcos Portugal que abrilhantou o sarau na embaixada francesa, acompanhando os cantores ao piano.

Quatro anos depois quando se deu a invasão francesa, Marcos Portugal conservou-se em Lisboa, contando talvez com as boas graças do invasor.

D. João VI

O maestro Bomtempo

No dia 15 de Agosto de 1808, Junot para festejar o aniversário natalício de Bonaparte, ordenou a realisação de um grande espectáculo em S. Carlos, encarregando Marcos Portugal de escrever uma ópera nova para solenisar condignamente tão faustoso acontecimento. E o maestro esmerou-se tanto em exaltar os feitos heroicos do carrasco de sua patria, que mereceu ser abraçado efusivamente por Junot.

Quando os franceses fôram expulsos de Portugal, o músico, dando largas ao seu engenho venal e utilitário, procurou agradar novamente aos seus compatriotas. Nada conseguiu, como seria de calcular. A sua traição estava ainda recente de mais para ser tão fàcilmente esquecida.

Na intenção de fugir à perseguição que lhe moviam, decidiu ir para o Brasil, onde lhe constava que os artistas continuavam a ser estimados como dantes.

Em boa verdade, o calculo não falhou... em princípio. O confiado D. João VI aceitou a lamurientas desculpas que o confrangido Marcos lhe apresentou, e fê-lo professor do principe D. Pedro, mantendo-lhe os vencimentos de mestre do Seminario, além doutros beneficios.

Regressando o rei a Portugal, o aflito Marcos viu perdida a sua situação. Não podia acompanhar o soberano, por se encontrar gravemente enfermo e assim caíu no abandono que o levou à mais negra miséria. Valeu-lhe a caridade da marquesa de Aguiar que o recolheu que lhe ficou dando umas sopas por esmola.

Poderá afirmar-se que a Pátria foi ingrata para êle?

Mais nobremente procedeu o ilustre maestro Bomtempo que, sendo filho de italiano, manifestou sempre o mais entranhado amor a êste Portugal tão lindo em que nascera, e no qual quis morrer rodeado das bençãos de todos os leais portugueses que o conheceram e admiraram.

QUEM MANDA É ÊLE...

PARA que havemos de desafiar o destino, para que havemos de querer mudar o rumo à sorte, se nada podemos contra o estabelecido, se nada pode emendar o que não tem remédio, o que tem de suceder, sem a diferença de uma sílaba, nem a passagem dum segundo no giro dos acontecimentos?

Realmente é caso para desesperar, para perder de vez a esperança em dias melhores.

É caso para fechar o coração de vez, e sem arrependimento possível, aos assaltos da ilusão, às mentirosas solicitações do filho de Vénus, êsse mariola do Cupido, que só se diverte atirando as suas setas a corações já muito feridos e sangrando ainda.

Jesus! que mal feito que está isto tudo! Que falta de sinceridade, que falta de caracter, e que abundância de mentira e de deslealdade!

Dá vontade de fugir, de ir embrenhar-nos num bosque denso e fechado, onde o rugir das feras é mais suave do que as doces melopeias das confissões de amor.

E é tudo o mesmo, em tôda a parte.

Eles andam à cata de almas para chagar, de corpos para secar, como flores expostas à geada do cruel inverno; ou de um raio de sol, que acaricia por momentos, é tão falso como é falso o beijo dêles, que é o riso onde vai prender-se até a mais casta ingenuidade.

■

Marinheiros ou soldados ou simples civis, ricaços ou mendigos, êles são sempre iguais, na maneira de cativar, primeiro, e na maneira de atraiçoar, depois.

Enquanto em seu peito canta o desejo, êles entoam essas doces canções de sonho que nos encantam, que nos cegam para tudo que não veja os seus olhos, que nos tiram o ouvido para tudo que não seja a sua voz, que ao falar de amor toma acentos novos e novas inflexões, que ficam ainda ecoando em nossa alma, quando êles há muito se calaram já.

Como é possível que êles não tenham remorsos de enleiar, prender, acorrentar a si, com falsas promessas, uma alma de mulher simples, sincera, que nêles acredita como num oráculo sublime, e depois, de repente, repelir essa alma, lançá-la á margem, como coisa inútil, que nada vale, que nem mesmo serve para uns minutos de distracção fugidia?!

Parece-me que nem êles sabem porque o fazem, e hão de ver-se em dificuldades de expressão, se quizerem alguma vez explicar a sua crueldade.

São assim, porque são assim, porque assim nasceram e assim hão de morrer.

Êles foram postos neste mundo para nosso regalo e nossa dor — esta maior e mais resistente do que aquêle, que é obra de momentos, obra do seu capricho inconstante e vário, de apetites rápidos e a breve trecho saciados.

E nós baixamos a êste vale de lágrimas, para que êle não negue, e o nosso pranto corre para conservar-lhe o nome; e são êles que com a sua varinha de condão fatal, condão de desventura, nos enchem de água os olhos, onde há pouco se miravam os seus, maravilhados.

■

E quando êles são artistas, como são bem mais perigosos!

Se são músicos, arrebatam-nos, amachucam-nos a sensibilidade, em melodias que não mais esquecem.

Agora mesmo uma estação radiotelefónica está transmitindo essa perturbante canção de Schubert, *Leise flehen meine Lieder*, que não é menos mentirosa, na sua doçura, do que o disco que a antecedeu, em que o poeta canta os olhos da sua amada de ocasião. Sim, porque as suas musas, as suas inspiradoras, são tôdas momentâneas, passageiras:

Morena, morena
Dos olhos rasgados,
Teus olhos, morena,
São os meus pecados!

O que vale, a algumas iludidas e abandonadas, é ficar-lhes uma recordação dos tempos ditosos — um filhinho que é benção e não maldição, para transformar êsse amor que mais se prende aos sentidos, num outro amor mais forte, mais apegado à alma, êsse amor que tão bem se expressa nesta quadra, que a voz docemente velada da Ercília há pouco radiou até mim:

Nesta ternura envolvida,
Vivo mais do que ninguém,
Que há sempre mais que uma vida
No peito de quem é mãe!

■

Para não sofrer, é não pedir à vida mais do que ela nos pode dar.

Afinal, em amor, talvez fôsse melhor que tôdas pensássemos como a Mariluca da *Dona sem dono*, de Samuel Maia.

Ela era feliz e vivia contente, tomando o amor como brinquedo, e aceitando-o contente de tôdas as mãos.

Depressa se aborrecendo e sempre com ânsias novas, era ela o homem, na inconstância e na volubilidade com que pousava seus beijos, saltitando de bôca em bôca, como a borboleta que ràpidamente suga a flor apetecida e logo outra procura.

Que se importava ela que o mundo falasse, se assim era ditosa e não lhe morria nos lábios o sorriso?

Que se lhe dava que êles chorassem, — êles também choram, pelo menos nos romances... — que se arrastassem a seus pés, pedindo-lhe constância e o seu amor em exclusivo, se era assim que ela entendia a vida, e que a vida lhe sabia bem?

Mas, coitada, não se aguentou na luta.

Os homens são os dominadores consoante o revela a tão grosseira quão expressiva trova popular:

Eu comprei as mulher's tôdas
Por cinco réis de aguardente;
Mandei-as aparelhar. . .
Arre burras! para a frente!...

Êles, afinal, são sempre os mais fortes, e a pobre Mariluca, a cabra louca que subia tão alto no rochedo esguio e escarpado do amor, a apregoar a sua liberdade, a sua ventura de dona sem dono aturado, caiu, pobre dela, como qualquer de nós, fêmeas submissas, nos laços dum matulão menos dotado do que os outros que nunca souberam prendê-la.

Tanta basófia... e afinal acabou como tôdas acabam — de canga e o dono ao lado.

Não há que mudar o destino. O homem é quem manda!

Mercedes Blasco.

Um escritor judeu

Restos da Porta Aurea em Jerusalem

NESTES tempos de descrença que vão correndo, ainda ha quem eleve o seu pensamento a Deus, num fervoroso agradecimento por se encontrar sôbre a Terra que o Eterno Poder lhe concedeu. E se a adversidade o persegue, não desanima, aguardando sempre dias melhores, visto que sempre á borrasca sucede a bonança.

Toma Deus por único amparo, entrega-se á sua omnipotência, e segue o seu caminho, confiando sempre em ir dar á Terra da Promissão. E, assim couraçado na vida, o seu optimismo é tal que a existência, por mais angustiada que seja, se torna interessante e variada, porque o Eterno Pai vela por êle e por todos os seres viventes, pois que todos são irmãos. Os desgostos e as contrariedades são transitórios. O nosso crente não sente o terror das penas eternas, nem acalenta no espírito as tendências mórbidas e lúgubres duma piedade estreita e confusa. Não pensa chegar vivo ás delícias do Nirvana. Segue uma doutrina de vida e não de morte e depressão.

Existe — podemos dizê-lo — um crente assim nestes tempos de descrença que vão correndo. E como êste crente ha milhões deles espalhados pelo mundo que aspiram, ha milhares de anos, à ventura de um lar, e sempre confiados na infinita bondade de Deus.

Ha milhares de anos que dura esta fé inabalável, e cada vez mais forte, mais robusta e mais profunda.

Queremos referir-nos ao povo judeu que, através de todas as calamidades que o atingiram, mantem intactas as Tábuas do Sinai, e sempre de olhos postos nos mandamentos do Decálogo, em cuja doutrina todas as religiões se basearam.

Rolaram os tempos, sempre acompanhados pela prodigiosa actividade dêste povo que tem florescido nas artes, nas letras, nas ciências e nas indústrias.

Todos sabem que a maior parte dos grandes milionários que dominam no mundo são judeus. Os grandes médicos, que têm merecido e continuam a merecer a admiração e a gratidão da Humanidade, são judeus. Como exemplo, poderiamos citar o professor Ehrlich, glorioso descobridor do *606*.

Esta formidável actividade não pára um momento, dando a impressão de que o lendário anátema atirado sôbre o desventurado Ashaverus atingiu apenas as altas faculdades dos judeus através do mundo inteiro.

Josué Jehouda

Não param nunca.

Quando a terra se revolve em conflagrações espantosas surge um potentado enorme — o Rotschild, por exemplo — a decretar a sua vontade ante a qual se curvam os mais poderosos imperadores. E, no fim de contas, êsse Rotschild é judeu.

Para que insistir num preconceito mesquinho, quando todos os seres viventes se encontram no mundo com direitos iguais á vida, á felicidade e a luz do sol?

Entrando no campo literário, não podemos deixar de reconhecer que uma grande parte dos grandes escritores são judeus.

Citemos um, ao acaso: Josué Jehouda. Não conhecem a obra dêste iluminado?

O escritor Josué Jehouda é um escritor moderno que nunca se embrenhou na matéria confusa do ultra-modernismo. Pelas suas ideias e pela sua forma, é um escritor do seu tempo. A sua prosa sugestiva e atraente não tem as torturadas imagens que para aí aparecem sem pés nem cabeça, á força de sucessivos decalques consoante frequentissimo exemplo de tantos *snobs* com fama de escritores.

Não sendo francês, escreve numa linguagem puríssima, limpida e clara que muitos escritores franceses poderiam adotar como exemplo.

Da sua obra conhecemos seis livros, cada qual o melhor. Um dêles, o primeiro que publicou, intitula-se *Royaume de Justice*, em cujas páginas evoca a alma dum pequeno refugiado russo que corre á procura da justiça sem conseguir encontrá-la.

Outro, *La famille Perlmutter*, feito de colaboração com Panait Istrati, é um magnifico estudo sobre costumes judeus. Segue *La Tragédie d'Israël*, dividida em duas partes: *De Pére en Fils* e *Myriam*, que pode ser considerada a sua obra mais importante. Nas suas quatrocentas páginas vive a existência trágica dos judeus através do mundo.

Na *Education de l'Inconscient*, Jehouda mostra-se, além dum profundo filósofo, um formidável psicólogo.

No seu outro livro *La Terre Promisse*, que, como o seu titulo indica, é um estudo sôbre a Palestina: ensaios e notas de viagem, encontramos ás páginas apaixonadas dum judeu sôbre a terra dos seus antepassados e sôbre o futuro do Sionismo.

Jerusalem vista do Monte Sião

No terraço da Casa Grande, da Ribeira dos Flamengos, o autor desta reportagem com vários amigos, entre os quais o preto proprietário Mémé

NA VASTIDÃO ATLÂNTICA

DA CIDADE DA PRAIA À REGIÃO DOS PICOS

30 de Janeiro. — Primeiro, é a desolação dos montes nús, das magras cabras fugindo, das pontesinhas sôbre imaginários regatos...

Depois, começa a vegetação, ainda que escassa — sizal, espinheiros, purgueira.

Vê-se, próximo, o Monte Vaca — e no sopé uma linda casa!

— "Onde há casas, há água", diz João de Deus. Consola-me da aridez ambiente esta ideia da água, e que, ali perto, num debrum de vale, haja um doce oásis de verdura. A minha vista de beirão esmorece, logo que não alcança a árvore ou a fonte.

Passamos *Ribeirão Chiqueiro*, grupo de tristes cabanais.

Chegamos a *Nora*. Como é lindo! As montanhas cingem o grande vale, erguem fantásticas fortalezas a um e outro lado; vagas de penedia correm para nós; cristas de rocais, em que o sol scintila, parecem balouçar-se sôbre a nossa cabeça... E de que altura!

Canaviais, que a brisa agita, abrigam as culturas. Entrámos na região do Milho Branco. Todo o vale é verde; ouve-se água correr, junto das figueiras bravas, regando talhões de hortenses; laranjeiras enfeitam os casais; papeiras envoltas sobem pelas vertentes; mangueiras benéficas dão o regalo da sombra, avisinhando a cana de açúcar e a mandioca. Pinhas e árvores bordam os caminhos e as corgas.

Macaquinhos suspendem-se dos ramos do arvoredo quási ao nosso alcance. O automóvel pára... Já se sumiram pelos altos ramos dos frondosos poilões! Os macacos de Nora são quási domésticos. Haviam-me falado dêles: julguei, porém, fôssem uma das histórias de enganação, com que se divertem comigo o Abílio de Macedo, conluiado com o Cortez dos Santos. Mas não — existem!

Já, num fundão de circuito montanhoso, se divisa *S. Domingos*. Uma velha igreja e casas — umas de alvenaria e telha moirisca e outras de parede, mas só recobertas de colmo. Sôbre a ribeira as bananeiras estendem um velário sôbre as águas. Mais acima, esvoaçavam os cocares de plumas das palmeiras. A verdura sobe ainda pelas encostas, onde os casais se conchegam abrigados pelos mangueirais.

Subimos. Nos bardões da estrada crescem a purgueira e o sizal e a lântana alastra. *Mendes Faleiro* fica à direita, nos fundos vales. Passamos *Godim*. Descemos em perigoso zig-zag, depois trepamos, e de novo descemos precipitosamente.

Orgãos Pequenos: outro vale fértil e ameno. Atravessamos, por pontes, sucessivos cursos de água. Continuamos em voltas e sobre-voltas; mas as curvas são mais suaves. Uma latada de vinha! É a primeira vez que a vemos na ilha, onde antigamente tanto prosperou.

Trepamos uma ladeira áspera e que enorme, dilatada e vestusta fortaleza forma a montanha, a sul! Dominamos agora grandes vales. Um templo ao fundo. E' a *Varzea da Igreja*. Os coqueiros perfilam-se como guiões em procissão. Sôbre as águas as bananeiras arfam pálios verdes. *S. Lourenço dos Orgãos.*

Corremos velozes. *João Teves.* Que gentio é êste, tão alegre? Ranchos endomingados; pretas, vestindo de côres garridas, com balaios à cabeça; alguns dos pretos com velhas casacas e bolsas de quadradinhos de chita às costas. Passamos uma linda ponte. E estamos na velha *feira dos Orgãos.*

Comnosco entra um grande rancho: gritos, risos, toques, descantes... E a balbúrdia não deixa de crescer no Mercado, todo fechado em altos muros.

Pelo chão espalha-se a fazenda: tabaco amarelo (de fumo e de mascar) e escuro (de cheirar); côcos, café, queijos; doces de côco, bôlos e cúscús de milho (bindes); sabão de purgueira, em bolas; aves de capoeira.

Esveltos rapazes, mulatos, passeiam com importância; parecem ciganos, ao apreçar dos gados. A' feira vem à venda bois, cavalos, mulas, machos e muitos burros.

Áparte a côr da gente e os géneros de comércio, dir-se-ia que estamos num dos mercados dos arredores de Lisboa. Até o vestuário é, em geral, o mesmo. O grau de civilização dêstes indígenas não será inferior ao de muitas aldeias de Portugal. E estes sítios devem ser bastante habitados: estão aqui mais de três mil pessoas.

O Pico António, a maior elevação da ilha (1.820 m. de altitude) fica a pouca distância dos *Orgãos*, dominando o grande vale.

A sua imponência enche de solenidade a paisagem.

Trepamos Jangotô duma arrancada: é uma subida de quilómetros, e tão íngreme que o seu nome, em crioulo, indica que só pode trepar-se dobrando-nos, curvando-nos, para diminuir a fadiga; jangotô quere dizer — de cócoras.

Ergue-se o Pico como um colossal monólito, sulcado por gretões, musculado de afloramentos da rocha de alto a baixo, como titânicos calabres. Pelas quebradas derramam-se água e arvoredos — tudo é verde!

É meio dia, o sol a pino, mas a altitude corrige o calor; e só olhar para as herdades, a centenas de metros a pique, na raiz da montanha, cheia de fontes nascentes, sob vastas sombras, refrigera.

E que dôce paz! Estas casas, tôdas caiadas de branco nas fazendas, entre cafezais, são deliciosas estâncias de recreio.

A mais modesta é do Padre Nicolau, da Cidade Velha, rijo ancião de 80 anos, que tem perto de cem filhos... Outra, maior, é do comerciante Antunes d'Oliveira, de Santa Comba Dão, que veio para Cabo Verde há quarenta anos. As duas mais próximas, com excelente água potável e ricos terrenos de regadio, pertencem à família dos Aguiares, descendentes dos primeiros donatários — povoadores de S. Tiago.

O cimo de Jangotô, em frente ao Pico, que culmina, muito acima, em pirâmide, é, decerto, um dos mais belos miradoiros do mundo.

Emudecemos, de assombro.

O vale perde-se na profundidade; na vastidão do horisonte o silêncio paira. Desde o Pico, a serrania prolonga-se até Pedra Janela, numa grandiosa cenografia de bastiões, de tôrres de agulhas. E para leste dispõe-se, até João Teves, em sucessivos planos, como de ondas em ressaca.

E a descida começa. A estrada corre, agora, em lombas apertadas, sôbre despenhadeiros. Mas ao volante vai um homem experimentado que conhece o caminho de cór, por o percorrer todos os dias; o automóvel deslisa com a segurança de uma ave, certa do vôo.

Na feérica paisagem sucedem-se os vales abismais tão vertiginosamente que eu penso que a emoção que me abala deve ser a mesma que se tem numa aeronave, à primeira ascensão...

Em volta, as montanhas marulham, arrogantes morros desafiam-se, e atiram, uns sôbre outros, cordas brutais de penedia.

A' velocidade, agora ainda maior, é de aflição e extasis a visão magnífica que nos prende o olhar. Alegria, receio, ansiedade — flor de desejo, mergulhando em terror...

Mas a descida torna-se menos acentuada: é já um resvaladoiro suave.

Atravessamos uma ponte, sôbre um ribeiro de águas claras, em que as bananeiras se espelham, cingindo as de verdura. Ao longo da estrada, abrem alas as acácias rubras. Por tôda a parte nascentes rebentam da penedia; pontões vão transpondo os córregos, sob doceis de arvoredo. Os vales abrem-se mais ao céu, em enseadas glaucas. Já o coração bate calmo e certo; o olhar, tranqüilo, enche-se de encanto rústico: fazendas, pomares, mansos casais, engenhos, bois pastando.

Deixamos a estrada, que segue a Santa Catarina, e vamos para a direita, entrando na Achada da Igreja (Picos).

Um monólito mais alto que o Cântaro Magro da nossa Serra da Estrêla, se levanta da rasura da planície: é a Pedra do Marquez. De facto, da anfractuosidade do ciclópico rocal destaca-se, em grandes linhas severas, o clássico perfil de Sebastião José de Carvalho e Melo!

Ao longe, em bandadas, corvos crucitam...

Tomamos por uma carreteira, à esquerda.

Pombas brancas adejam à volta de casais. Caramanchões de *bougainville* encostam-se a macissos de arvoredo. Estamos na propriedade de João de Deus.

A Casa Grande levanta-se sôbre um vasto terraço, num promontório, entre dois vales; do lado sul é um despenhadeiro, ao fundo do qual corre a ribeira do Burbur. As bananeiras vão marcando, entre a penedia brava, a linha de água.

Encostas e cotelos são trilhados de caminhos de pé posto. Nas portelas, funcos, com uma miudagem de negrinhos, brincando.

A Casa, de rez-do-chão, em dois corpos, coberta de telha moirisca, forma com as dependências um quadrilátero, encerrando um páteo espaçoso, e é voltada ao norte, com largas portas e janelas. Três videiras formam uma pequena latada num dos ângulos, abrigado dos ventos.

Arvoredos avisinham: grandes tamarindeiros, que tem oitenta anos e estão na mocidade, amoreiras, papaias, árvores do pão, *ficus-elásticas*, acácias rubras, mangues, pinhas, laranjeiras... E os altos coqueiros que dão relêvo a tôda a paisagem cabo-verdiana!

Aloendros, cardeais quási arbóreos e loureiros adornam a entrada dum caramanchão coberto de sempre noiva.

Sinto zumbir abelhas? São vespões, de corpo negro e azas de oiro fôsco...

Sob as grandes figueiras bravas porcos chafurdam, à volta de pias de pedra cheias de água. Perto, descansam os bois de trabalho: brancos, com malhas castanhas na cabeça; castanhos, com malhas brancas nas espáduas; outros mesclados de castanho e preto. Cavalos relincham nos estábulos.

Galinhas escardiçam nos restolhos, guiadas por um formoso galo branco, coroado por uma crista de serrilha de coral magnífico: Abílio de Macedo, sempre disposto a abusar da minha credulidade de continental, acredita-mo como representante duma variedade local — o *pomposus caboverdianus*... De facto, êle afaga muito ternamente as companheiras — em crioulo!

Do terraço gosa-se um belo panorama. As colinas próximas são Monte de Mato, Monte de Aguada e Mato Madeira.

A leste, vê-se o mar, para o porto de Pedra Badejo. Alcança-se, em esfumado longínquo, a ilha do Maio. A norte, o Monte de Aguedelha, entre Fundura e Burbur; depois o monte da Mosca, que delimita as freguesias dos Picos e dos Orgãos. Em pano de fundo, vasta e majestosa, a serra da Malagueta, até à qual na onda montanhosa se rasgaram cinco cursos de água — o dos Picos, encostado às colinas do Jalalo, o dos Saltos, o da Boaventura, o dos Flamengos e o de S. Miguel. O Pico António, a sudoeste, envolve a sua fronte augusta em nevoeiro leve, que se esgarça pelas quebradas. Perto, a meio da Ribeira dos Picos, o Galicanse, em que a erosão meteórica insculpiu o perfil do Marquez. Declinando a poente, o monte de Mato Afonso ou Fonte Lima, dentando-se de arestas, e a extensa cordilheira em que os Montes de Entre-Picos e da Boa Entrada são colossais avançadas.

Cidade da Praia — Praça do Albuquerque e Paços do Concelho

Passamos pela eira, onde se está recolhendo o milho, que cabe ao proprietário da renda das terras, que não é fixa, mas sim a meias de produção. As maçarocas estão em montão. Quantos moios! Vamos ao granel: as espigas com capa (carpelos brancos e amarelo torrado, muito rijos e brunidos) estão acondicionadas, regularmente, em pilhas. Seguem-se as tulhas de purgueira e de feijão.

A principal cultura é a do milho. Nas melhores terras e nos bons anos de chuva, chega a dar duzentas sementes; nas fracas, em condições desfavoráveis, desce porém a 20, a 15 e até a 10.

O feijão é a segunda produção. Houve tanto, na última colheita, que João de Deus, para o poder aquartelar, arredou o telhado, e, assim, encheu as tulhas: as portas quási cedem ao peso.

A cana de açúcar e a mandioca só se cultivam nas terras de regadio.

A purgueira, essa, vai em todos os solos e resiste às mais duras provações: há aqui pés de 15, 20 e 30 anos.

Detenho-me a observar uma catástrofe: as raizes aéreas dum *ficus-elástica* agarraram-se a um pé de purgueira, e estrangularam-no!

Os cafetais atravessam uma crise grave: devasta-os uma doença implacável: o feitor Loureiro diz-me que é a mesma das laranjeiras, e que por estas se lhes pegou! Tal doença começou pela ilha de Santo Antão, espalhou-se pela de S. Tiago, e já ameaça a do Fogo. E bem pena — que uma chávena de café de Cabo Verde é coisa deliciosa... E difícil de substituir pelo chá da ribeira, que vou colher, junto de agriões viçosos, nas águas correntes.

Na Ribeira dos Flamengos em S. Tiago

Num dos cotelos de Burbur parece-me ver camélias! São pequenos cajueiros... Ao alto, uma francelha dir-se-ia imóvel: de repente precipita-se, caindo a prumo sôbre a prêsa — uma pobre toutinegra descuidada, talvez aquela que há pouco, volteiando, nos vinha seguindo.

Findo o jantar, há um verdadeiro sarau. Recitam-se versos — Camões, João de Deus, Junqueiro, Bilac, Cesário, Nobre, Eugénio Tavares. Helder improvisa um *jazz-band!*

Duas aves, poisadas ao lado uma da outra, num ramo baixo da grande acácia, assistem, solenes, tristonhas. São do tamanho de rolas novas, de plumagem matizada de branco, vermelho e azul e o bico amarelo.

— É um casal de passarinhas — diz-me Carlos de Vasconcelos. — Não fogem, porque ninguém lhes faz mal. A passarinha é, para nós, uma ave sagrada. Não a há em todo o mundo senão na ilha de S. Tiago: encontraram-na, nas verdes solidões do interior, os descobridores do século XV...

Fico-me a contemplar o casal das aves sagradas, pensando na lenda da Atlântida... Como se adivinhasse, Carlos remata:

— Veja: elas tem tôda a tristeza de quem viu morrer um mundo!

Este cabo-verdeano, de inteligência tão viva, de coração tão generoso, é um Poeta: todo êle vibra em emoção. Conheci-o em Coimbra, na Universidade. Não mudou...

Já é noite fechada, quando entramos no automóvel, de regresso à cidade.

Carlos fala-me da ilha do Fogo, onde nasceu, do ambiente indefinível da terra tropical e dos seus habitantes, das suas taras, amor, cólera, jôgo, embriaguês. — "O seu carácter, define, é caldeado vulcanicamente". Depois, lembra a sua mocidade e as suas galhardias no jôgo da rosa, em certa romaria da Garça... E resume: — "Todos, os do Fogo, nasceram a cavalo: dominam o Arquipélago!"

E por largo tempo emudece, absôrto talvez numa *rêverie* napoleónica...

O sonho de triunfo, que sempre lhe embalou a alma, onde o vai levando?

Mas o clarão do luar rompe por detraz dos cêrros... Logo, despertando, Carlos canta, em crioulo:

Amôr di nobo ê di brabaton,
Sim tom nim som; ê ca tem sabô...

Amor dos novos é aos borbotões, sem tom nem som; não tem sabôr...

E a voz plangente, repassada de saüdade e melancolia — dos casais dispersos das achadas e dos ribeiros, aos funcos solitários dos cotelos, à soturna vastidão das montanhas, só fala agora de paixão, de desespêro e de incerteza.

Lopes d'Oliveira.

NOTICIAS DA QUINZENA

O REGRESSO DO SR. CARDIAL PATRIARCA

Chegou a Lisboa o sr. Cardial Patriarca, de regresso da sua viagem à América do Norte, onde a colónia portuguesa e as entidades oficiais o receberam com as mais altas manifestações de respeito e carinho. As gravuras publicadas acima, apresentam o sr. dr. Manuel Gonçalves Cerejeira conversando com o sr. ministro da América e acompanhado pelo comandante do «Vulcânia». A' direita: o sr. Cardial Patriarca aclamado pela multidão no cais de desembarque.

O sr. Cardial Patriarca com os prelados e os representantes das organizações católicas que lhe foram apresentar cumprimentos. A' direita: o solene *Te Deum* que, por determinação do sr. arcebispo de Mitilene, que governou o Patriarcado durante a ausência do sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, foi celebrado na igreja de S. Domingos, em acção de graças pelos triunfos da viagem.

O sr. ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. dr. Armindo Monteiro, a bordo do «Alcântara» com algumas das individualidades que foram ali cumprimentá-lo pelo seu regresso.

O grande escritor dr. João de Barros com as pessoas que lhe foram apresentar cumprimentos a bordo do «Higland Chieftain», onde o festejado poeta do «Anteu» embarcou.

ACTUALIDADES DA QUINZENA

Dr. Abel de Andrade. — O pessoal do Instituto de Criminologia prestou uma significativa homenagem ao seu director, o ilustre catedratico, sr. dr. Abel de Andrade que, por atingir o limite de idade, abandonou as suas funções naquele departamento científico do Estado. Usaram da palavra o sr. dr. João Gonçalves, médico-chefe da secção de psicopatologia, António Veloso e dr. Abel de Andrade (filho) que exaltaram o obra do eminente catedrático. A nossa gravura representa o homenageado, no momento de agradecer a manifestação que lhe foi prestada.

Conde de Sabugosa. — Vai aparecer brevemente a 3.ª edição do belíssimo livro «Neves de Antanho», do conde de Sabugosa. As obras dêste saudoso escritor são sempre deliciosas, não só pelo seu sabor literário, como pela evocação que nos trazem. Recordar o que passou é sempre agradável, mesmo quando se trata de um passado doloroso. Nas magníficas páginas de «Neves de Antanho» perpassam alguns dos mais sugestivos quadros da História de Portugal que todo o bom português deve lêr e decorar.

Um país como o nosso tão cheio de tradições gloriosas, deve ser lembrado através dos séculos como o mais belo exemplo de grandeza e independência. Se do seu passado constam tão belas coisas que inspiraram a imortal epopeia dos «Lusíadas» como não havemos de evocá-lo sempre com a mesma perseverança e devoção? Ler um livro do Conde de Sabugosa é evocar o passado, é viver o presente e idealizar o futuro.

Exposição nas Belas Artes. — Mais uma exposição dos alunos da Sociedade Nacional de Belas Artes. Entre os trabalhos expostos destacam-se alguns que já indicam a garra de futuros mestres. A impressão que fica após uma visita a este belo certame artístico é a de que Portugal avança ao lado dos grandes países.

A visita do Chefe do Govêrno a Alverca. — O sr. Presidente do Conselho esteve nas oficinas gerais de material aeronáutico em Alverca, tendo visitado minuciosamente tôdas as dependencias onde se constroem aeroplanos e motores, as oficinas de fundição, de torneiros, de carpintaria, de marcenaria, os armazens de ferramentas e os «hangars» de reparações.

O "Dia da Natação" do Algés e Dafundo. — As provas de natação do Algés e Dafundo tiveram grande animação, pois quási mil nadadores de ambos os sexos, filiados e não filiados, acorreram à chamada. Tendo começado de manhã a primeira parte do programa, quási totalmente constituido por eliminatorias, teve cerca de 70 corridas. As nossas gravuras representam um aspecto da Piscina e algumas das crianças que entraram na prova dos 300 metros. Utilíssimo foi, portanto, o «Dia da Natação» que ha-de reproduzir-se em mais longos e fecundos dias.

OS EXAGEROS DA ELEGANCIA

A praga das gravatas

que paira sôbre Lisboa, é mil vezes pior que a dos gafanhotos

A gravata do querido das mulheres

Por muito feliz se deve ter dado o cruel Faraó com as sete pragas com que foi castigado pela sua crueldade. É certo que sofreu tôdas essas calamidades decretadas por Johovah, mas não suportou, que nos conste, a terrível epidemia das gravatas que está grassando sôbre Lisboa e seus arredores.

Antes uma praga de gafanhotos!

Um terrível «gravateiro»

Sai uma pessoa à rua, e esbarra com um gravateiro a impôr-nos a sua mercadoria como género de primeira necessidade. Entra num café, e logo o implacavel perseguidor se aproxima, e nos estende o baraço de seda com o esgar sinistro dum carrasco. E como as suas mãos sabem manejar o laço! E com que suprema satisfação essas mãos nos apertariam a gorja quando nos mantemos na disposição de não camprar coisa alguma!

Depois da praga dos chineses com os colares de pérolas e bugigangas variadas, surgiu a fatalidade dos gravateiros mil vezes mais horrorosa que a peste bubónica de negregada memória.

Ao vêr surgir um gravateiro, no desembocar duma rua, só nos resta fugir. E daí — quem sabe? — pode ser que sejam estranguladores disfarçados...

Não haverá uma espécie de pós Keating, Flit, ou criolina vitriolada para afugentar êstes insectos? Eis o que os sábios deveriam estudar a sério antes de se preocuparem com a descoberta do sôro para a cura da tuberculose, ou a confecção da fórmula para exterminar a lepra.

Quando nos lembramos de que houve um engenhoso patife que, para arreliar a humanidade, inventou essa incómoda fita de seda com que enrolou o pescoço dos seus semelhantes, sentimos vontade de ser gravateiros também, mas para lhe ensinarmos a dar uma laçada de esparto em volta do miseravel pescoço.

Como eram felizes os homens primitivos sem êstes requintes de toilette que assentam apenas num convencionalismo estúpido e ridículo.

E o mais curioso é que, hoje em dia, usar gravata é ter direito a uma certa consideração que não seria obtida com o pescoço nú!

Não se entra hoje numa cerimónia sem que o colarinho ostente a tal fita de seda. Pode apresentar-se seja quem fôr, de ponto em branco, que se por esquecimento não levar gravata, passa pelo desgosto de esbarrar com um porteiro tão bruto como inflexivel.

É talvez por isso que surgiram os gravateiros que, pela insistencia com que nos perseguem, estão convencidos de que se trata dum género indispensável à nossa existência e felicidade.

Em tempos, houve a seita dos Thugs, espécie de esganadores que, com uma rara habilidade, envolviam o pescoço da sua vítima com um cordão de sêda, e apertavam, apertavam tão docemente, que o esganado nem tempo tinha para se queixar. Esses, ao menos, não exerciam a tortura como os de agora!...

Mas historiemos a sinistra gravata:

Antes de aparecerem as estreitas fitas berrantes, seguras por uma pérola de alto preço, os finos laços em forma de borboleta, e os compactos *plastrons* de seda que tanto acompanharam as sobrecasacas dos nossos avós, quantas vicissitudes não passou a gravata!

Até o século XVII, os homens usavam o pescoço a descoberto.

Reinando em França o magnífico

Gravata à Steinkerque

Luiz XIV, entrou em Paris um regimento de croatas que despertou geral atenção pela sua maneira de vestir. Cada um dos soldados ostentava uma fita de musselina ornada de rendas a envolver-lhe o pescoço.

Estava lançada a moda da gravata — *cravate* ou *croate* — que Luiz XIV, para dar o exemplo, foi o primeiro a usar. E a tal ponto levou o Rei Sol o seu requinte, que instituiu logo o cargo de gravateiro!

Quando se deu o alerta que precedeu a batalha de Steinkerque, alguns oficiais, na pressa de se preparar para combater, ataram a gravata de qualquer maneira. Esta negligência originou uma nova moda que consistia em atar atabalhoadamente a gravata, moda esta que passou a chamar-se á "Steinkerque".

Não a adotou o famoso Brummel que foi incontestavelmente o rei dos elegantes do seu tempo, e que passou a sua vida a vestir-se... e a pôr gravatas.

Brummel dizia que "a gravata era o homem", e, com efeito as mais altas individualidades mundiais tiveram de confessar que a "ciência do bem trajar estava toda resumida na maneira de dar o nó da gravata".

Afirmou-se até que, negar a importância desta parte essencial do vestuário masculino, era o mesmo que negar o verso final dum soneto harmonioso ou o *leit-*

Um novo Brummel

-motiv duma opera de Wagner... Era negar a própria evidência!

Quando Brummel, se valia da poderosa influência de que dispunha na côrte inglesa, graças á amizade que o ligava ao principe de Gales, o futuro Jorge IV, não faltavam pedidos de empenho, como se calcula.

Conta-se que um membro de alta aristocracia londrina, desejando avistar-se com o favorito, esperou durante duas longas horas na ante-camara do suave Brummel, aguardando apenas que êste terminasse a sua "toilette". Em dado momento, passou um criado sobraçando um montão de gravatas amarrotadas, e, piscando o ôlho maliciosamente para o visitante, explicou: — "Isto é ainda o primeiro ensaio!"

Brummel estava nervoso e não conseguia acertar com o nó desejado, isto é, um nó que, parecendo feito despreocupadamente e á pressa, necessitava de longas horas de paciente elaboração.

Surgiu depois o período romântico com a famosa gravata de três voltas que Alfred de Musset imortalizou, e que fazia realçar maravilhosamente o rosto pálido dos dandys poeticos dessa época.

O nosso Almeida Garrett, se não foi tão exagerado como o Brummel, soube sempre dar o laço da sua gravata como ninguem. Conta-se que, um dia, em plena sessão parlamentar, quando o autor das "Viagens na minha terra" proferia um discurso que deixaria o govêrno em maus lençois, houve um deputado que o inutilizou com um simples àparte.

Erguia-se Garrett num bem estudado gesto, fazendo tronitroar a sua voz, quando o deputado se lhe dirigiu com a maior delicadeza:

— V. Ex.ª dá-me licença?

— Tenha a bondade — aquiesceu Garrett.

— Perdoi-me V. Ex.ª — declarou o outro — era sòmente para o avisar de que traz a gravata mal posta.

Tanto bastou para que Almeida Garrett perdesse o fio do discurso, levando por vezes a mão ao pescoço, a fim de compôr o laço da gravata, e terminasse, em seguida, a formidavel catilinária que tão cuidadosamente engendrára. Saíu, acto contínuo, da sala, e só parou em frente dum espelho para corrigir o seu imperdoável desleixo. Calcule-se a cara com que teria ficado ao verificar que o laço estava dado impecavelmente e que o àparte do adversário fôra apenas uma esperteza estratégica para o desnortear!

A gravata tem sido a preocupação do homem. Mesmo aqueles que se riem do fraco de Garrett, ficariam perturbadíssimos se lhes dissessem que traziam a gravata á banda.

Quando a moda das gravatas chegou a Portugal, reinava o magnanimo rei D. João V que logo quis ser o primeiro Bragança a ostentar essa peça de luxo. Com êsse fim, o seu secretário de Estado, Diogo de Mendonça fez a encomenda para a capital francesa, recomendando a máxima brevidade na remessa. Foi assim que pegou a moda da gravata de rendas que tão bem assentavam no peito forte dos nobres do século XVII. Depois, a Moda, sempre caprichosa, engendrou a gravata de seda que passou a ser o emblema da burguesia.

E era tal a importância da gravata que, ainda ha cinqüenta anos, não se entrava no Passeio Público de Lisboa sem apresentar o pescoço devidamente engravatado. Nos próprios eléctricos, houve tempo em que era vedada a entrada a quem não levasse gravata. Mudaram os tempos, mu-

Os oficiais da batalha de Steinkerque

daram os costumes... mas o costume dessa impertinente fita de seda mantem-se inalterável a asfixiar-nos como o na época distante dos nossos bisavós. E, embora o seu uso seja facultativo, nem por isso deixamos de a usar.

Por volta de 1835 os honrados burgueses punham, para se dar ares, as gravatas de crina usadas pelos oficiais do exército, saíndo-lhe, por vezes, congestionada, a face pacífica, de entre os debruns.

Os artistas começaram a adotar a *lavallière* posta de qualquer maneira. Por sua vez, os republicanos, seguindo o exemplo francês, ostentavam gravatas vermelhas como papoilas. Depois, apareceram as gravatas em que se misturavam mais ou menos harmonicamente todas as côres do arco-íris.

Em 1842 apareceu a gravata comprida, de que a actual é legítima sucessora. Atada no pescoço, as pontas desciam sobre o peito a entalar no colete. Um alfinete de oiro e brilhantes completava êste atributo indispensável.

Hoje ainda ha quem use o pequeno laço que pode ser dado no momento de colocar, ou, para simplificar, feito já, e apertado ao colarinho por meio de um elástico.

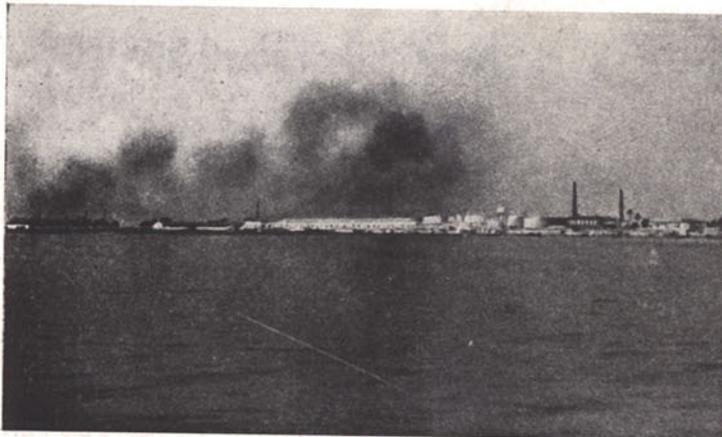
A elegância de hoje procura dar novidade á gravata, mas sem lhe tirar a forma consagrada. Pode ser dum tecido que se confunda em côr com a da camisa, o que não deixa de ser engraçado. Pelo menos, a tomar a sério o rèclamo feito por uma das fotografias que reproduzimos, o mancebo assim engravatado consegue ter junto de si algumas das mais célebres vedetas do cinema. Será a gravata a causa do chamariz? Se assim fôr, não haverá ámanhã mancebo com aspirações a marido que não use a gravata indicada.

Pois que lhe faça muito bom proveito, que seja feliz e tenha muitos descendentes para usarem gravata como o seu ilustre papá.

E, uma vez casado, terá ocasião de verificar que o laço dessa gravata do matrimónio leva as mesmas voltas do laço corredio de uma fôrca.

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Málaga arde! Os depósitos de petroleo existentes nesta cidade, incendiados pelas granadas de aviões nacionalistas, levantam uma espessa coluna de fumo que, dentro em pouco, se dissipará, quando a Espanha voltar a ser a Espanha de sempre e que tão ardentemente ambiciona. A tentativa marxista há de evolar-se como essa fumaceira negra como o luto da morte.

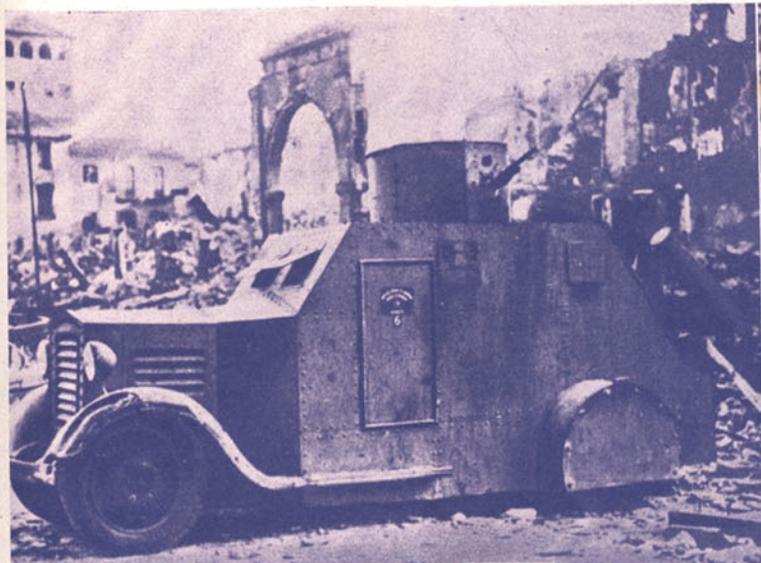
Um outro aspecto do pavoroso incendio dos tanques de petroleo de Málaga, observado nove horas depois. A coluna de fumo ergue-se em tôda a sua imponência até que uma rajada mais forte a dissipe.

Fotografia tirada pouco depois dum ataque à cidade de Málaga pelos aviões nacionalistas. Êste «raid» visou perfeitamente o seu alvo, tendo causado cinqüenta mortos e uma centena de feridos, além de graves estragos materiais.

Efeito das bombas lançadas pelos nacionalistas sôbre a cidade de Málaga. A fotografia que publicamos foca as explosões das bombas em vários pontos da cidade. Entretanto, a luta prossegue com o maior encarniçamento.

Dois carros de assalto dos nacionalistas seguindo para a frente do Guadarrama, devidamente disfarçados com ramos de árvores. Ao vê-los passar com os ramos floridos chega-se a ter a certeza de que uma nova Primavera vai surgir para a martirizada Espanha tão cruelmente açoitada pelas invernias marxistas.

Uma fase dramática do ataque ao Alcáçar de Toledo quando as tropas do general Varela estavam prestes a chegar para libertar os heroicos cadetes. O general Franco recomendára: «Depressa! Depressa! é preciso salvar êsse punhado de bravos!» — e as suas ordens foram executadas tão fielmente quanto seria para desejar.

ASPECTOS DA LUTA CIVIL NO PAÍS VISINHO

A heroica defesa do Alcáçar de Toledo pelos cadetes que se imortalizaram nesta luta. Uma das fases do encarniçado combate entre as ruinas da famosa fortaleza que os marxistas minaram inùtilmente, visto os heroicos defensores do Alcáçar se terem mantido com firmeza nos escombros.

Entre os escombros do Alcáçar de Toledo destaca-se um automóvel blindado deixado pelos marxistas e que tomará parte no ataque a Madrid. A nossa gravura dá uma impressão do montão de destroços a que o Alcáçar ficou reduzido

Soldados regulares de Marrocos confraternizando com a população de Avila Nota-se nesta prova fotográfica que a chegada das tropas nacionalistas não apavorou aquela gente. — Em baixo a condução dum ferido

Uma emocionante fase do ataque a Bilbau. As tropas nacionalistas avançam cautelosamente em Elgoibar, vendo-se alguns dos combatentes deslisando através do cemitério da região, protegidos pelas cruzes de pedra do fogo dos governamentais que ocupam um ponto elevado. Como simbolismo é interessantíssimo verificar que os nacionalistas, ao abrigo da Cruz, que pode representar a gloriosa tradição espanhola, vão expulsando os infieis que se preparavam para levar a Espanha ao completo aniquilamento de tudo o que de bom, moral e perfeito possui há tantas e tão gloriosas eras. – Em baixo: uma explosão duma das minas no Alcaçar de Toledo

HÁ QUÁSI SÉ

A entrada de Napoleão

Contrariedades que sofreu

Napoleão em frente de Madrid (quadro de Vernet)

AGORA, que os nacionalistas de Espanha apertam o seu cêrco a Madrid, não podemos deixar de evocar as contrariedades sofridas por Napoleão Bonaparte, hà 127 anos, em idêntico passo.

Animados pelos seus êxitos, os espanhois aproveitavam os socorros britânicos para envolver o exército do José Bonaparte. Foi então que Napoleão correu em seu socôrro, acompanhado pelos melhores generais do Império: Lannes, Victor, Soult, Lefebvre e Mortier. Em menos de quinze dias, três derrotas abalaram o moral dos espanhois: Soult triunfara em Burgos, Victor e Lefebvre em Espinosa de los Monteros, e Lannes em Tudela. Em face disto, Napoleão avançou sôbre Madrid. No cimo de Somosierra, o general San Juan tentou embargar-lhe a passagem, mas uma carga fulminante da cavalaria polaca, bastou para o desbaratar.

No dia 2 de Dezembro de 1808, o imperador aparecia diante da cidade que, em resultado da fuga das autoridades, se encontrava em poder da população. Após uma fraca resistência, rendeu-se. Mas Napoleão não se dignou entrar logo, declarando que se a nação espanhola não lhe viesse pedir o regresso do seu irmão José, como rei, desmembraria o país.

Convencido de que assim conseguiria atraír as simpatias, aboliu a Inquisição, os direitos feudais e as alfandegas interiores, e pôs em vigor o Codigo Napoleão. Estas medidas não alcançaram comover um povo que, fiel ás suas tradições, detestava benefícios oferecidos pelo invasor da sua pátria.

O exército francês em Burgos

No dia 19 de Dezembro, Saint-Cyr toma Barcelona. Repete-se o cêrco de Saragoça que Palafox defende corajosamente. Durante quatro meses durou a luta tão heroica como atroz. Os espanhois, resistem a todos os assaltos, apesar da doença que os enfraquece e da fome que os dilacera.

Lannes, enviado para o golpe de misericórdia, escreve a Napoleão:

"Que guerra! Obriga-me a matar tantos bravos que parecem loucos furiosos! Uma tal vitória faz pena!„

Para tomar a cidade, seria necessário destruí-la, casa por casa...

De Madrid, Napoleão tencionava dirigir-se a Lisboa, afim de "afogar o leopardo inglês no Tejo„. Mas os ingleses estavam no seu caminho. O primeiro ministro Canning repelira com orgulho as propostas de paz que lhe tinham sido enviadas da França e da Rússia. Não satisfeita em socorrer os espanhois com víveres, armas, munições e dinheiro, a Inglaterra enviara novas tropas sob o comando de John Moore que fôra preferido a Wellesley por êste ter acedido na capitulação pouco favorável concedida a Junot.

A passagem da Serra do Guadarrama pelo exército francês

Moore, com trinta mil homens, apoderou-se de Castela a Velha. Tomando posições entre Salamanca e Valladolid, ameaça as fôrças de Soult. Napoleão envia-lhe Ney, e parte em seguida com a sua guarda imperial e fortes esquadrões de artilharia.

O inverno é agreste. O exército francês sobe novamente o Guadarrama, numa

CULO E MEIO

em terras de Espanha

e a má previsão que teve

penosa marcha, metido em lama até os joelhos.

No dia 1 de Janeiro de 1809, Napoleão recebeu, no caminho de Astorga, notícias de França. São tão más que o imperador se vê forçado a modificar os seus planos. A Austria está prestes a atacar a ambição napoleónica, enquanto que Talleyrand e Fouché urdem uma intriga, na previsão da morte do imperador no campo da batalha, para a escôlha do sucessor.

Napoleão não pode continuar em Espanha, e muito menos vir até Lisboa como calculava...

A tomada de Burgos

Em seu lugar, o marechal Soult irá perseguir os ingleses.

Entretanto o irmão José ficaria sendo, mais do que nunca, rei de Espanha, visto que tôdas as províncias se iam submetendo mais ou menos cordialmente...

Assim pensava o côrso, não prevendo que a lassidão de Soult deixaria que os ingleses ganhassem a costa e reembarcassem com todo o seu sossêgo. Não calculara que o irmão José se limitaria a fingir de rei, deixando-se manietar como um cordeiro pela esperteza dos espanhois invadidos, e atiçando ainda o conflito entre os generais franceses já tão divididos nessa altura.

Não supôs que a luta de guerrilhas renasceria, a breve trecho, reduzindo a esqueletos inuteis os mais sólidos batalhões.

Não previu que a Inglaterra enviaria um novo exército para êste país devastado, mas fremente de ódio, que se tornara o cancro do império. E quando êsse exército apareceu sob o comando de Wellington, Napoleão não soube vêr que êsse homem firme, irónico e fleumático era o único adversário digno de si que encontrara.

A batalha de Somosierra

Manteve-se ainda durante dez dias em Valladolid, reunindo o seu exército para melhor assegurar a conquista. Soult e Ney ficariam sendo os seus chefes principais. Depois, montando no seu tradicional cavalo branco, Napoleão galopou sem descanso até Baiona.

Atraz dêle, oculto por um cortinado enganador, deixava a guerra. Diante dêle, surgia outra guerra que êle não desejara e que, a todo o custo, pretendera evitar.

Caminhava para o seu declínio.

Já lá vão 127 anos...

Os espanhois souberam bater-se tão heroicamente que o próprio Lannes os admirara. Batiam-se pela pátria, e só isso bastava para tornar indomável a sua coragem.

Hoje sucede o mesmo. O amor pátrio dos espanhois está realizando verdadeiros prodígios de bravura.

Podem avançar as ideias, podem formar internacionalismos, à guisa de cacharoletes, ou, (na modernissima linguagem) em *cock-tails*, que o amor da Pátria há de manter-se perene e invulnerável.

Foi êle a causa da derrota de Napoleão em Espanha, e há de continuar a sê-lo através dos tempos e das idades.

Napoleão, prostrado pela fadiga, adormece numa cadeira, às portas de Madrid

A doce expressão da inocência

«DEIXAI VIR A NÓS PEQUENINOS!»

JOGOS INFANTIS QUE DÃO VENTURA

A DELICIOSA REGALIA DE SER CRIANÇA

Um gavroche que nos observa com a sua curiosidade penetrante — Em baixo: Atenção ao jôgo!

SER criança! Deliciosa regalia que todos nós tivemos, e que ninguém soube ainda aproveitar.

No alto da ladeira da nossa vida, quando nos preparamos para descer ao desolado vale onde branqueja o cemitério que nos espera, sentimos, não só a saudade do que passou, mas a tristeza amarga do irreparavel.

Se olharmos para traz, encontraremos crianças brincando, descuidadas, crianças que hão de crescer, entrar na vida e sofrer!

Naquela idade como tudo é belo, delicioso e atraente!

Os próprios garotitos esfarrapados são felizes na sua inconsciência encantadora. Se os pais não lhes compram brinquedos de alto preço, porque são pobrezinhos como Job, um «berlinde» lhes basta para passarem horas e horas em adoravel entretenimento. Essa pequena bolinha de vidro constitui para êles um tesouro incomparavel.

Em meio da sua pobreza, os garotitos da rua são felizes!

Lá para o Norte começam a ter ambições no jogo do botão, acontecendo-lhes muitas vezes chegar a casa com as calças atadas com um cordel por terem perdido

O jôgo do «berlinde»

os botões que as seguravam. Escusado será dizer que a aventura lhes custa sempre uma bem aplicada sova, mas sem qualquer efeito profícuo. No dia seguinte voltam à mesma, esperançados na desforra que não se faz esperar.

Ralhar-lhes para quê? Todos nós que fômos crianças também, podemos avaliar o caso que fizemos dos ralhos de nossos pais quando praticavamos alguma travessura...

É a nossa mãe que nos adoça a alma e a torna boa e carinhosa. Quando ela nos falta, se não encontramos um seio amigo que nos acalente e anime, tornamo-nos então feras bravias.

O jôgo do pião

Uma alma reflectida num olhar

Na alma pequenina duma criança — ânfora minúscula que um beijo materno enche a trasbordar — gera-se então o virus do ódio que vai aumentando com o desenrolar da idade e das naturais ambições.

Deixemos brincar as crianças, enlevadas nos seus jogos inocentes. Deixemo-las ser felizes durante umas horas, pelo menos.

As magníficas fotografias que reproduzimos nestas páginas não focaram apenas expressões de crianças, mas as suas almas cândidas como lírios. João Martins, com a sua alma de artista apanhou-as em flagrante.

E, para que nada faltasse, publicamos também uma foto de Claudino Vieira, que surpreendeu um anjo, ensaiando-se para marinheiro na Praia da Aguda.

Estabelece um contraste evidente. Trata-se duma criança feliz e amimada à qual o papá compra brinquedos caros — e que nunca jogou o "berlinde", temos a certeza...

Ser criança! Deliciosa regalia que todos nós tivemos, e que nenhum de nós soube aproveitar!

Um anjo marinheiro — Em baixo: Garotos da rua aproveitando a deliciosa regalia de ser criança

A MAJESTADE DO GENIO

Victor Hugo e Herculano

Como êles se dignaram receber a visita do imperador do Brasil

Alexandre Herculano

Quando o imperador do Brasil, D. Pedro II, aproveitando umas curtas férias que as contínuas lutas políticas da sua pátria lhe concederam, veio até à Europa, o seu maior desejo foi visitar todos os grandes escritores, de cujos nomes e moradas conseguira obter uma copiosa relação. Entre êstes figuravam Victor Hugo e Alexandre Herculano. No seu regresso de Paris, onde contava visitar o apóstolo dos "Miseráveis", o imperador daria um salto a Vale de Lobos com o fim de conhecer pessoalmente o egrégio autor da "História de Portugal".

E se bem o pensou, melhor o fez

Evocamos êstes factos, na única intenção de estabelecer um eloqüente confronto entre a maneira simples como Alexandre Herculano pretendeu esquivar-se à visita do soberano, e a forma altiva de Victor Hugo que se dignou receber o imperador do Brasil, tratando-o como de igual para igual.

Ao que parece, o terrível fundibulário dos *Châtiments*, tendo contribuído poderosamente para a quéda de Napoleão III, ficara sem o menor respeito pelos imperadores. Antes que as legiões de Bismark invadissem a fronteira francesa, e que os hulanos profanassem Paris, já Victor Hugo tinha cuspido na face do filho da rainha Hortense todo o seu desprêzo horrorosamente corrosivo. Jurara-lhe que não entraria na História, e que, quando muito, havia de ficar como um môcho espetado na porta. E assim aconteceu. Napoleão III ficou sendo o sinistro organizador da derrota de Sédan, que todos os franceses recordam com verdadeiro horror.

O vaticínio cumpriu-se.

Compreende-se assim a altivez de Victor Hugo, ao receber em sua casa o imperador do Brasil. Em seu entender, se, dos dois, algum poderia considerar-se honrado, era o soberano. Ser recebido em casa de Victor Hugo era uma honra difícil de alcançar.

Assim, logo que D. Pedro II chegou a Paris, o seu primeiro cuidado foi visitar o escritor genial, cuja fama corria o mundo inteiro.

Mandou pedir humildemente uma audiência que Victor Hugo se dignou conceder-lhe...

Valia ao soberano o seu título pomposo que clanglorava como um clarim de guerra — Imperador do Brasil — porque, a julgar pela aparência, ninguém daria por êle. Era um homem corpulento, de rosto expressivo, é certo, mas emoldurado numa longa barba de patriarca. Simples e afável, desafectado de maneiras, parecia mais um bom burguês de hábitos singeios do que o chefe duma grande nação.

Ora, se D. Pedro II tivesse chegado a Paris, e, em meio das honras oficiais que lhe prestaram, se lembrasse de mandar comprar os livros de Victor Hugo, é possível que êste, lisongeado pelo rèclamo que lhe vinha de cima, corresse a manifestar o seu reconhecimento ao imperador. Mas, como êste, descendo à rua lhe foi bater humildemente à porta, o grande escritor deu largas ao seu desmesurado orgulho.

Victor Hugo e os seus netos Jeannette e Georges

Eis como Victor Hugo descreve a visita de D. Pedro II, nuns ligeiros apontamentos que deixou, e só há pouco tempo vieram a lume:

"Foi a 22 de Março de 1877. Ás nove horas da manhã recebo a visita do Imperador do Brasil. Conversamos. É um espírito nobre. Entrevê sôbre a minha escrevaninha a *"Arte de ser Avô"*. Ofereço-lhe o volume e disponho-me a escrever.

Diz-me:

— Que vai escrever?

Respondo:

— Dois nomes apenas: O vosso e o meu.

Diz-me:

— Eis o que ia pedir-lhe.

Escrevo então: *A D. Pedro de Alcantara. — Victor Hugo.*

Diz-me:

— Quero possuir um dos seus desenhos.

D. Pedro II

Dou-lhe um, agradece-me.

Diz-me:

— A que horas janta?

— Ás oito horas.

Acrescenta:

— Uma destas tardes, virei pedir-lhe de jantar.

— Senhor — digo-lhe — será bemvindo!

Diz-me:

— Tenho uma ambição. Apresente-me a Jeannette.

Jeannette entra.

Digo-lhe:

— Jeannette, apresento-te o Imperador do Brasil.

Jeannette olha, e murmura:

— Vestido assim?!

Digo a Jeannette para abraçar o Imperador.

Salta-lhe ao pescoço e abraça-o com transporte. Em seguida chega a vez de Georges. O Imperador acaricia-lhe os cabelos.

— Senhor — digo — apresento o meu neto a Vossa Majestade.

Responde:

— Aqui, está apenas uma Majestade: Victor Hugo.

— Senhor, sois um grande Monarca!"

....

"Passados alguns dias, regressando a casa, à hora do jantar, encontro o Imperador que me aguardava acompanhado do Visconde de Bom Retiro.

— Senhor Victor Hugo — diz-me — venho jantar em sua companhia e trago-lhe um dos meus melhores amigos.

Ofereceu-me a sua fotografia. Pediu-me a minha. Á sobremeza, ergui-me e, em curtas palavras saùdei o Imperador, que me retribuiu. Conversámos à mesa durante muito tempo. Á meia-noite saiu".

Entrando em Lisboa, D. Pedro II manifestou logo o maior empenho em ir visitar Alexandre Herculano a Vale de Lobos, tendo sido enviado imediatamente aviso ao grande escritor.

Calcule-se a aflição naquele lar sossegado. A sr.ª D. Mariana, esposa de Herculano, não sabia que voltas dar à sua vida. Era certo que a presença dum soberano em sua casa, não constituia motivo para espanto. Muitas vezes D. Pedro V fôra visitar o grande escritor na sua casa da Ajuda, onde chegou a ser considerado com a maior intimidade. Mas Lisboa não era o descampado Vale de Lobos sem as comodidades nem o confôrto das grandes capitais.

Em face do perigo que corria a dôce paz do seu refúgio, Alexandre Herculano procurou a melhor maneira de dissuadir o imperador, e, para isso, empregaria todos os meios ao seu alcance.

Portanto, embora adoentado, não hesitou em seguir expressamente para Lisboa, com o fim de cumprimentar a régia personagem que tão altamente o queria distinguir. Era um plano estratégico. Antes de empreender a jornada, sossegara a esposa, afirmando-lhe que o pequeno sacrifício de ir à capital seria largamente compensado pela desistência do imperador que não iria estabelecer a balbúrdia num lar tão sossegado como aquele. Ficasse, portanto, inteiramente descansada.

Dentro em pouco estaria de volta, completamente liberto do pesadêlo que o ameaçava.

Boas contas fazia Herculano...

Quando se encontrou em Lisboa com D. Pedro II, pôs em acção tôdas as suas baterias de esquiva, procurando convencer o soberano de que, se o seu interêsse era apenas conhecer pessoalmente o escritor, ali o tinha na sua frente. Precisamente por saber que Sua Majestade planeara ir a Vale de Lobos, é que êle se apressara em vir ao seu encontro, com o fim único de lhe evitar maçadas inúteis.

Não o entendeu assim D. Pedro II que declarou cumprir até o fim o programa elaborado. Iria a Vale de Lobos em devota romagem, pois só assim manifestaria ao historiador excelso tôda a sua profunda admiração.

Herculano tentou ainda fazer ver ao imperador os inconvenientes duma tal jornada, não só pelos incómodos da viagem que era penosíssima em face dos péssimos meios de transporte, mas ainda pelo indigno alojamento que a sua humilde choupana poderia dar a um tão ilustre visitante.

O imperador teimou, apesar de tudo, e o pobre Herculano não teve outro remédio senão resignar-se, embora patenteando a sua enorme contrariedade neste lacónico telegrama que enviou a sua esposa:

Não pude convencer o homem. Somos quatro. Caleche na estação. — Herculano.

Por fim, a visita foi feita, tudo levando a crêr que Alexandre Herculano só conseguiu respirar quando viu pelas costas o seu tão teimoso quão ilustre admirador.

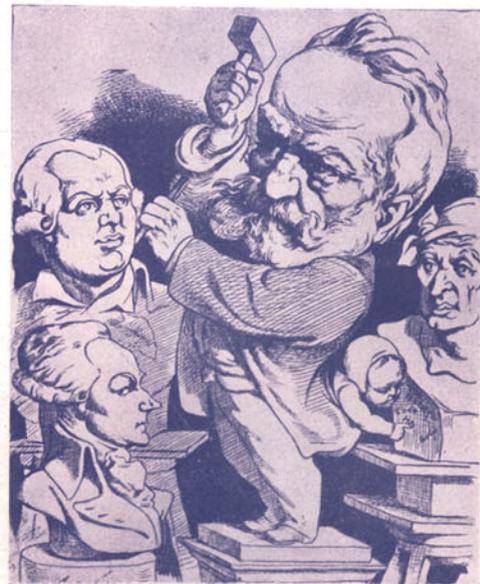
Depois, Sua Majestade pedia como um cego tudo quanto lhe agradava:

— Dê-me aquele livro... Ceda-me aquele autógrafo... Ser-me ia grato possuir aquele desenho...

Gostava de coleccionar relíquias dos grandes homens — e daí talvez o seu interêsse em visitá-los nas suas próprias casas, onde nada lhe poderia ser recusado.

No dia 1 de Setembro de 1877, como o imperador deixasse Lisboa, Herculano, apesar de estar doente, veio apresentar-lhe despedidas. Êstes salamaleques repugnavam ao seu espírito desprendido de vaidades balofas, mas não podia furtar-se a êles, sob pena de ser considerado ingrato. Esta viagem custou-lhe um resfriado que veio a epilogar numa pneumonia. Quando regressou a Vale de Lobos, recolheu ao leito, e dias depois exalava o último suspiro.

Está estabelecido o confronto entre os dois gloriosos escritores: Victor Hugo e Alexandre Herculano...

Gomes Monteiro.

Vitor Hugo

Victor Hugo na época em que publicou o «Noventa e Três»

A ABERTURA DAS AULAS

Instituto dos Pupilos do Exército

ESTE importante estabelecimeuto de ensino inaugurou solenemente o ano lectivo, tendo sido entregues prémios aos alunos que melhor aproveitaram os estudos. O sr. general Amilcar Mota, que representou na brilhante festa escolar o Chefe do Estado, condecorou alunos modelares, tendo usado da palavra o coronel Santos Paiva e o major Oscar de Freitas. Pelos prémios distribuídos — dezóito medalhas de oiro, dezassete de prata, numerosos livros de carácter técnico e artigos de desenho — avaliam-se os bons resultados obtidos pelo ensino ministrado no ano findo. As gravuras acima apresentam o general Amilcar Mota condecorando um aluno, e um aspecto da sessão solene

Instituto Feminino de Educação e Trabalho

NO Instituto Feminino de Educação e Trabalho, em Odivelas, realizou-se a solene abertura do ano lectivo. Durante a cerimónia, presidida pelo sr. general Amilcar Mota, foi inaugurado o retrato do Chefe do Estado na sala do Conselho Escolar do importante estabelecimento de Ensino. Durante a distribuïção de prémios, o sr. general Amilcar Mota exortou as educandas a intensificar os seus trabalhos a fim de bem merecerem o carinhoso acolhimento recebido. As gravuras representam as educandas assistindo à sessão solene, uma das educandas do Instituto, depois de receber o prémio, sendo cumprimentada pelo general Amilcar Mota

Homenagem ao Chefe do Estado em Odivelas

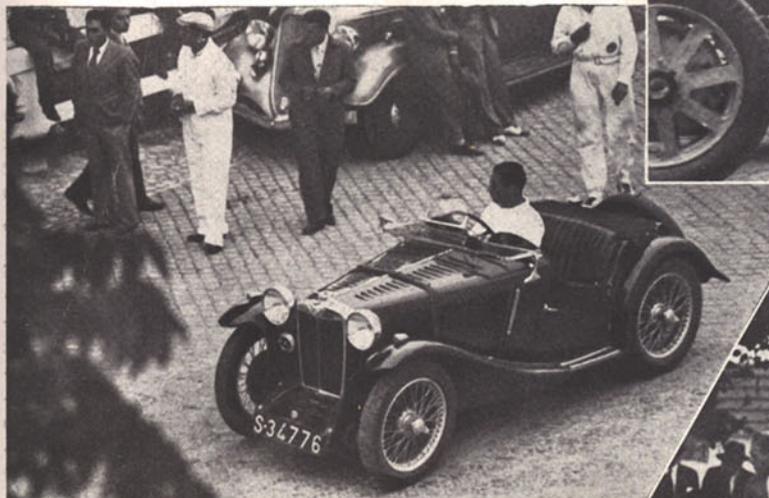
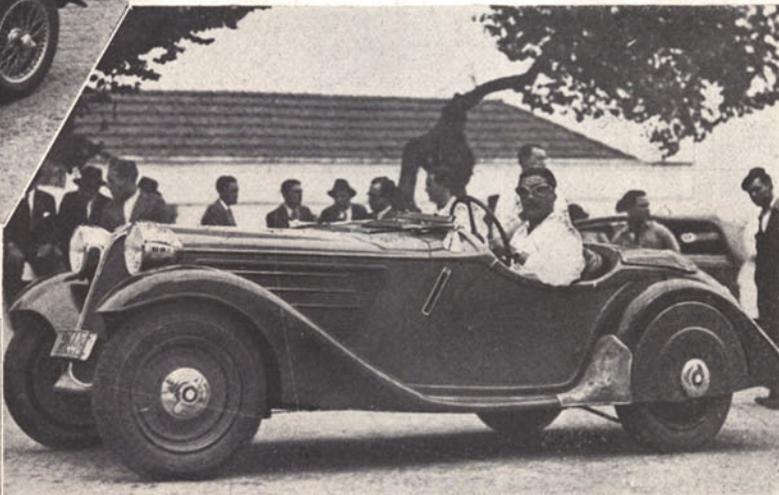
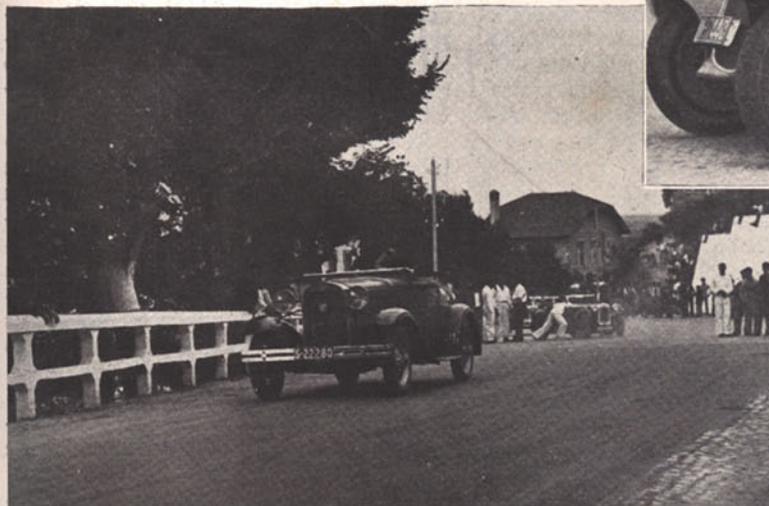
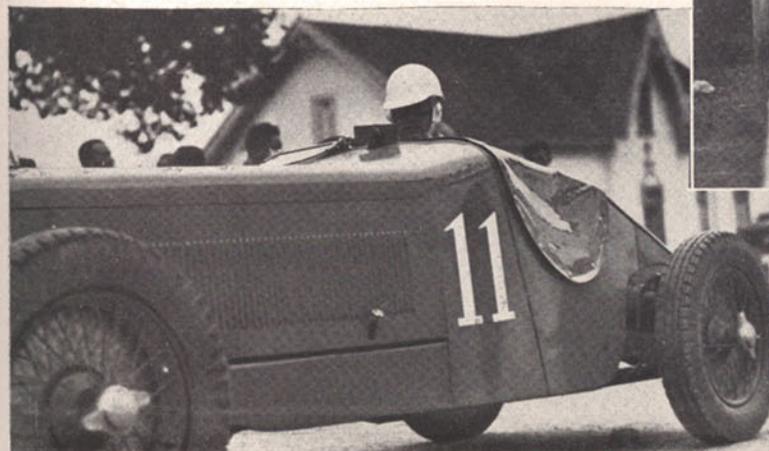
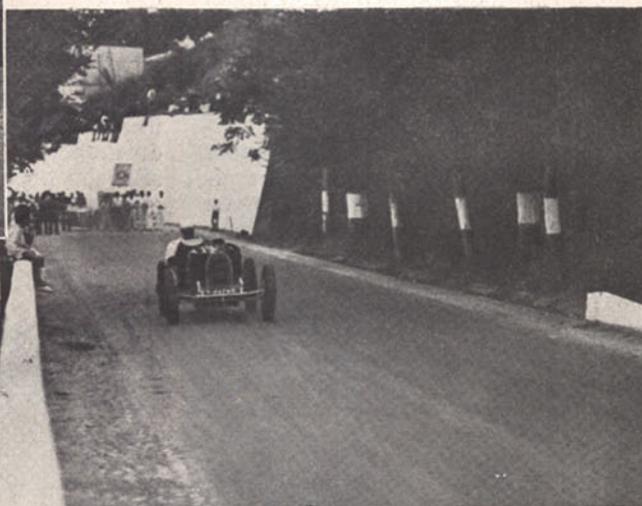
O coronel sr. Ferreira de Simas discursando na inauguração do Instituto Feminino de Educação e Trabalho em Odivelas. O ilustre militar, depois de evocar os nomes das personalidades cujos retratos fazem parte da vasta galeria exposta na sala, afirmou que ali ficaria bem, no lugar que lhe competia, o retrato do venerando Presidente da República

Cantina Marquês de Pombal

GRUPO de crianças protegidas pela Cantina Marquês de Pombal que, graças às almas generosas que orientam e auxiliam aquele simpático estabelecimento, tanta soma de bem estão distribuindo pela infância. Obras destas merecem a simpatia, o aplauso e o caminho de todos aqueles que são dignos de possuir um coração a palpitar na arca do peito

AUTOMOBILISMO

A "II RAMPA DE SANTAREM„

O vencedor absoluto Ribeiro Ferreira que ganhou o 4.º grupo à média de 69,963 na corrida da «II Rampa de Santarem», sendo também o primeiro na classificação

DIOGO PESSANHA que venceu na categoria «Sport», manifestando uma tenacidade assombrosa na dura prova que empreendeu com a firme certeza de ganhar.

ALFREDO REGO que, na corrida, obteve a méd a de 63,554, mostrando uma firmeza de volante pouco vulgar que lhe garante futuras vitórias.

UM aspecto da prova da «II Rampa de Santarem» que o seu organizador Automóvel Club de Portugal viu coroada do mais extraordinário exito.

RIBEIRO FERREIRA em plena corrida de que havia de sair vencedor. *A' esquerda:* o inglês Mac Nicol.

O percurso foi estabelecido, como no ano passado, pela estrada da estação do caminho de ferro, parte da rua Cidade da Covilhã e estrada do Campo Sá da Bandeira, onde se encontrava a meta.

A entrega dos prémios efectuou-se na Associação Comercial, tendo presidido o sr. dr. Mário Matias, secretário do Govêrno Civil de Santarém, secretariado pelos srs. presidente da Junta Geral do Distrito, presidente da Câmara, presidente da Comissão de Turismo, presidente da Associação Comercial e representantes do Automóvel Club de Portugal.

Após a entrega das taças, o sr. capitão Romeu Neves saudou os automobilistas em nome da cidade, prometeu todo o interêsse da Câmara no sentido de que para o ano se realize um novo circuito automóvel e terminou com palavras de louvor para o Automóvel Club de Portugal que tão desveladamente deu realização a esta simpática e interessante prova, fazendo votos pelo seu progresso.

À margem dos Jogos de Berlim

O «Jogador de foot-ball», obra do italiano Moschi

Durante a quinzena olímpica, o comité organizador alemão promoveu certo número de festas, demonstrações e espectáculos, todos directamente ligados ao problema da educação física ou da vida ao ar livre, que constituíram excelentes elementos de propaganda e resultaram magníficas exibições, tão dignas de referência e recordação como as memoráveis competições do programa desportivo dos Jogos.

O Estádio Olímpico, o Campo de Maio, o Anfiteatro Dietrich Eckart, foram cenário de festivais cuja beleza e imponência deram honrosa medida da capacidade e da inteligência da organização alemã. Aproveitando habilidosamente a enorme afluência de forasteiros estrangeiros a Berlim, os alemãis procuraram por tôdas as formas gravar-lhes no espírito a mais lisonjeira impressão do seu país. Êste critério, baseado afinal no mais louvável nacionalismo, foi asperamente criticado pela imprensa de certos países, que não conseguiu digerir sem azia o fracasso da respectiva preparação.

Os Jogos, dizia-nos em Berlim um jornalista francês, evolucionaram-se em sentido tão caracterizadamente colectivista, que passam apagados os valores individuais ficando apenas em foco a superioridade de conjunto daqueles que, contando com recursos poderosos, efectuaram durante os quatro anos da olimpíada um trabalho em profundidade na grande massa do povo.

Os países que vencem, são aqueles que fizeram do desporto uma doutrina nacional, extraindo de milhões de adeptos as criaturas excepcionais e preparando-as intensivamente para o objectivo visado.

Não conseguimos descobrir em que possa merecer reparos esta maneira de agir; quanto mais divulgada fôr a prática dos exercícios físicos, quanto mais largo fôr o prazo da sua aplicação, melhores resultados se alcançam sob o ponto de vista educativo. Assim o entenderam os alemãis e assim o aplicaram, caprichando em mostrar ao mundo a obra de regeneração e robustecimento social que tinham sido capazes de realizar.

A metódica organização alemã, serviu para demonstrar ao milhão de visitantes vindo de além fronteiras a disciplina e a capacidade construtiva do povo germânico. Os chefes da nação empenharam-se com larga antecedência numa campanha estimulante que teve como resultados práticos o enaltecimento do brio nacional.

Tôda a preparação e organização dos Jogos e do programa complementar da quinzena olímpica, foram subordinados á lei do enaltecimento do prestígio da Alemanha; o desporto foi um elemento aproveitado e não um objectivo servido, mas as conseqüências obtidas superam os meios postos em prática e a obra dos alemãis merece ser apresentada como um exemplo fértil e não como uma atitude reprovante.

■

As demonstrações de gimnástica, de tôdas as escolas e métodos, foram incluídas em complemento nos programas diários das competições desportivas no Estádio Olímpico.

A iniciativa foi óptima, pois trouxe à propaganda tão necessária da educação física elementar a formidável expansão do desporto. As cem mil pessoas que o atletismo ou o futebol atrairam ao Estádio, tinham assim ocasião de admirar o encanto e o valor das lições de gimnástica educativa.

Ao recordar essas demonstrações primorosas, a memória destaca em primeiro plano a espantosa exibição dos dinamarqueses, comandados pelo professor Niels Bukh. Os exercícios executados pela classe, num rítmo permanentemente oscilante e na curva ascendente de dificuldade, puseram em evidência naqueles homens muito maior classe atlética do que as proezas desportivas que celebrizam os campeões do desporto. Quantos dêstes seriam capazes de as imitar?

Gimnástica para um escol, o trabalho apresentado por Niels Bukh prova até que ponto se consegue guindar a arte do movimento elementar, unindo pelo mesmo processo o vigor e a agilidade, a graça, a fôrça e a harmonia.

Desde os movimentos preparatórios que adivinhavamos a formidável intensidade da lição, e durante meia hora sucederam-se os mais difíceis exercícios de cultura física com um rítmo, uma precisão de conjunto que nos deixa espantados. A série de saltos que encerrou o programa da lição foi um daqueles espectáculos que nunca mais esquece e cuja impressão se não sabe descrever.

Dias depois, após exibições dos finlandeses, dos húngaros, dos noruegueses, dos chineses, coube a vez à Suécia que apresentou um conjunto de 600 raparigas e em seguida 600 homens, oferecendo-nos durante uma hora outro empolgante espectáculo de côr, de movimento e de harmonia.

A gimnástica feminina, tôda de flexibilidade e graça, foi acompanhada pela música, e a dos homens, mais intensa mas igualmente conjugada, despertou diversas vezes calorosas ovações.

Na tarde de encerramento da semana do atletismo, foram os alemães que apresentaram uma demonstração dos seus processos de cultura física. Foi majestoso e simultâneamente simbólico.

Mil homens e mil mulheres executaram sucessivamente lições completas, perfeitas e vistosas, mas nada revelando de novo.

Mais interessante foi a continuação do programa; o terreno central do Estádio encheu-se por completo com grupos de crianças que, durante um quarto de hora se entregaram aos mais variados e dinâmicos jogos infantis, enquanto simultâneamente, o centro do campo era ocupado por classe de homens cinqüentões, os quais executavam com aprumo os diversos movimentos duma lição de ginástica adaptada à sua idade.

Demonstrava-se, assim, que a educação física serve para tôdas as épocas da vida, e o contraste entre os dois polos gravou em nossa memória um quadro inesquecível. Forçosamente progride um povo que cuida por esta forma da sua gente.

A cultura física acompanha, mostraram-no os alemães, a evolução do indivíduo. As crianças são por êles acarinhadas e protegidas, proporcionando-lhes uma vida sã ao ar livre e ao sol, disciplinando-lhes os instintos desde a segunda infância por meio duma ginástica racional que tanto estimule funções como desenvolva energias.

Ninguém pensa, na Alemanha, em pôr as crianças deitadas de barriga para o ar, respirando à cadência de um, dois, três; por isso os homens são fortes, as mulheres sàdias, os campeões moeda corrente para prestígio internacional do país.

O baixo relevo «Corredores de barreiras», do alemão Sutop

Crianças alemãs no Campo de Maio

■

Os Jogos Olímpicos comportam, a par das competições desportivas, um programa completo de concursos artísticos que não possuem o dom de despertar o entusiasmo popular, mas cuja classificação é oficialmente equiparada a tôdas as outras.

Quando o barão de Coubertin criou os modernos Jogos, preocupou-o desde a primeira hora a ideia de colocar em planos paralelos a feição intelectual e o aspecto físico dos princípios educativos do olimpismo.

Durante largos anos ficaram infrutíferos todos os seus esforços, contrariados pela incompreensão geral das vantagens de tal realização e, também porque as relações entre a arte e o desporto eram quási nulas. Os artistas não haviam encontrado, ainda, nas manifestações da actividade desportiva o agente inspirador das suas obras.

A primeira tentativa data de Estocolmo, onde se efectuou um concurso literário; desde então o programa foi progressivamente alargando de amplitude, até abranger na actualidade tôdas as variantes da arte, da arquitectura à escultura, da pintura à música, mas sem que tenha conseguido conquistar ainda, nos meios competentes, o interêsse desejável.

O certame de Berlim foi largamente concorrido, mas a qualidade das obras apresentadas — que por condição expressa deviam ter íntima relação com assunto ou inspiração desportiva — nem sempre correspondeu à importância do objectivo.

A medalha de ouro da secção de arquitectura urbana foi conferida ao engenheiro alemão Werner March, pelo seu projecto do "Reichssportfeld", o que nos parece justíssima honraria.

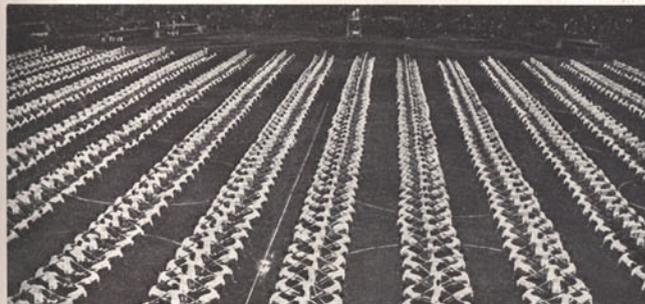
O primeiro prémio dos projectos arquitectónicos foi ganho por um austríaco, Kutscheva, autor do plano dum estádio para provas de esqui.

Na secção de pintura a medalha de ouro não foi concedida, por nenhum dos trabalhos apresentados ser julgado digno dela, cabendo ao melhor um segundo prémio.

Os vencedores das restantes secções foram respectivamente: em desenho e aguarela, o italiano Dazzi; em artes gráficas, o suisso Diggelmann; em escultura o italiano Vignoli; em baixo relêvo o alemão Sutor; em medalhas o prémio não foi conferido; em composições musicais para côro, ganhou o alemão Paul Höffer e em composições para orquestra, outro alemão, Werner Egk; finalmente em literatura houve dois coroados, o alemão Anton Dhünen nas obras líricas e o finlandês Karhumäki nas obras épicas.

Como se vê, a expansão dos Jogos Olímpicos, abrange mais alguma coisa do que o cultivo da fôrça muscular. Cria o desenvolvimento das artes em que o cérebro se manifesta em criações encantadoras de beleza. Quando se diz que "nada ha de novo sob o sol" não se pretende afirmar que não se avance ao sabor da civilização sempre progressiva.

Portanto, a famosa maxima *mens sana in corpore sano* deve ser seguida com a fidelidade necessária, a bem dos povos. Sendo agradável citá-la como um ornamento da selecta em que todos estudamos, será muito melhor fazê-la frutificar em toda a sua grandiosidade.

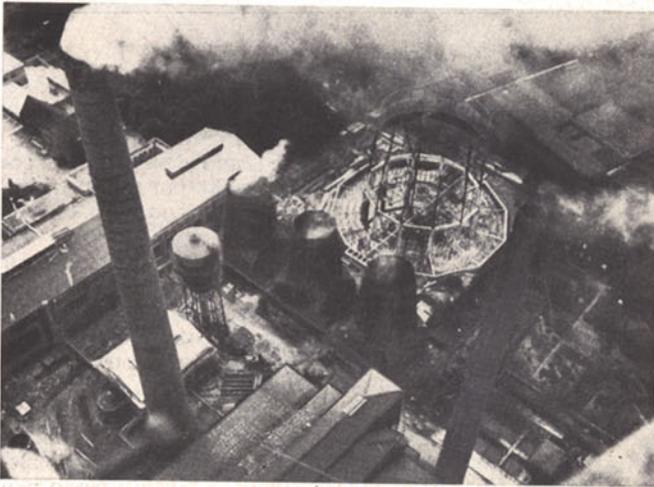
Foi o que a Alemanha conseguiu realizar nesta memorável Olimpíada que deixou maravilhados todos os que a ela assistiram.

Crianças alemãs no Estádio Olímpico

Salazar Carreira.

ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS

A Biblia de Gutenberg. — Uma das reliquias venerandas de que a Alemanha se orgulha é a Biblia de Gutenberg. Por ocasião da exposição «Deutschland» foi conduzida em solene procissão pelas ruas de Berlim por dois impressores vestidos à época do pai da imprensa.

Julius Gomboes. — Julius Gomboes, chefe do govêrno hungaro recentemente falecido em Budapeste e que há tempos se encontrava hospitalizado num sanatório desta cidade. Com a sua morte, a Hungria perdeu um dos seus mais eminentes estadistas e um devotado patriota.

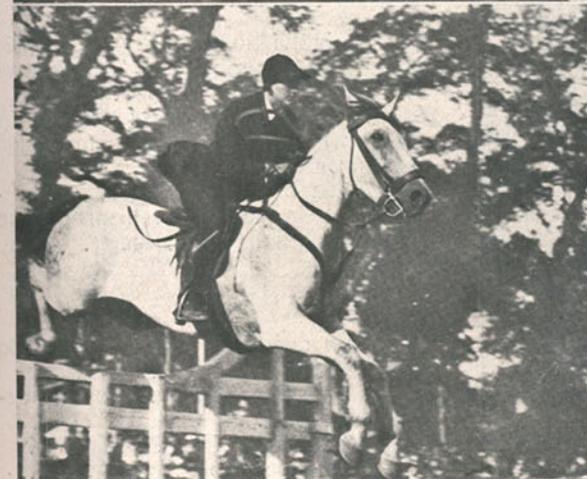
Norma Shearer. — Norma Shearer, estrêla do cinema, que é hoje considerada a mais rica de tôdas as artistas cinematográficas, graças a uma enorme herança que acaba de receber e que vem avolumar a grande riqueza que possuía já. Prova-se que os rios correm sempre para o mar.

A chaminé mais alta da Europa. — A nossa gravura representa a chaminé mais alta da Europa que uma fábrica alemã acaba de construir. Verifica-se que os homens de hoje não são menos audaciosos e arrojados do que os malogrados construtores da Tôrre de Babel. Neste subir constante quando é que o homem hade atingir a perfeição que ambiciona, e por isso mesmo procura elevar-se até ao céu?

Aviões sem motor. — Original concurso aberto pelas escolas de Berlim para apresentação de modêlos de aviões sem motor. Na nossa gravura veem-se raparigas em Kietzer Feld dando o impulso aos aparelhos que apresentam, alguns dos quais são verdadeiras maravilhas de engenharia. Como se vê, a aviação tornou-se tão acessível nos tempos que vão correndo, que até as raparigas se entendem com ela.

O esfôrço da juventude alemã. — A Alemanha continua a estender a sua propaganda nacionalista com tal proficiencia que os seus próprios adversários são os primeiros a reconhecer como modelar um tal sistema de organização. As gravuras que reproduzimos apresentam dois aspectos da juventude nazi exercitando-se para tudo o que a pátria possa carecer do seu esfôrço. Os jovens de hoje — soldados de amanhã — levantam com a maior facilidade o seu acampamento, preparando-se assim para qualquer surpresa futura. No caso de uma guerra, além do amor da pátria que acalentam no seu peito, os jovens que aí vemos estarão aptos a pegar em armas com a segurança de veteranos experimentados. Estes curiosos aspectos dão bem a ideia da formidável disciplina germânica que sempre tem causado o assombro do mundo.

CONCURSO HIPICO DE OEIRAS

O sr. Costa Pina que, no «Manfield» venceu a prova «Omnium» e se manifestou um hábil cavaleiro

D. Fernanda Deffeuse que ganhou a «Prova Oeiras» Grande Prémio dêste Concurso em competência com todos os cavaleiros inscritos

Vários aspectos do Concurso Hipiico que foi um dos mais belos numeros da Exposição Regional de Oeiras

No cemitério de Richmond, do Estado de Virgínia, existem duas sepulturas a par, ostentando inscrições curiosas. São de mulher e marido. Uma delas diz: "Espero como sempre o meu esposo — 26 de Maio de 1840„.

A outra tem os seguintes dizeres: "Aqui estou! — 14 de Dezembro de 1861„.

Ha tempos, um espirituoso, passando por ali, escreveu por baixo:

"Como se vê, êste marido chegava sempre tarde junto de sua mulher„.

Preso por profanação, o gracioso foi condenado em quinze dias de cadeia.

■

Jantava um dia Alexandre Dumas, filho, em casa do dr. Gistal, uma das celebridades médicas mais em evidência em Marselha.

Terminado o jantar, o dono da casa dirige-se ao seu convidado nestes termos:

— Meu querido poeta; sei que é um

— Com a tintura que me receitou, os cabelos tornaram-se-me verdes!
— E esteve com sorte minha senhora... As clientes que a têm usado ficaram carecas como a palma da mão.

repentista admirável e eu ouso abusar da sua paciencia, pedindo-lhe que honre o o meu album com um verso seu, uma frase, qualquer pensamento, emfim...

— Com muito prazer, respondeu Dumas.

E, tomando o album começou a escrever:

"Desde que o dr. Gistal
Presta a famílias inteiras
Os seus cuidados mais sérios,
Demoliu-se o hospital...„

— Lisonjeiro! interrompe o médico que, por sôbre o ombro do poeta, estava lendo o que êle escrevia.

Alexandre Dumas suspendeu a pena e, sorrindo maliciosamente á exclamação do dr. Gistal, concluiu assim a estrofe:

"P'ra fazer dois cemitérios„.

■

O freguês para o criado:

— Rapaz, traze-me outro vinho! Não gosto d'este que é ainda muito novo.

— Pois foi por isso mesmo que eu o aconselhei a V. Ex.ª

— ?!...

— E' claro! E' tão novo que o patrão não teve ainda tempo de o baptisar.

Uma dama entra numa loja de modas e encontra-se com uma amiga de colégio que há muitos anos não via. Como esta reparasse num indíviduo, que ficara na rua olhando insistentemente para a outra, suspeitou de algum maníaco, e preguntou:

— Conheces aquêle sujeito que te está fitando?

— Conheço até de mais...

— É pessoa da tua amizade?

— Não. É meu marido.

■

— Mas, se o teu marido é tão bom, para que o fazes tu zangar tantas vezes?

— Porque, cada vez que nos zangamos, êle traz-me uma prenda para fazer as pazes.

■

Um gatuno com a aparência d'um *gentleman*, preparava-se para furtar da porta duma loja um objecto que ali estava em exposição e já o escondia debaixo do casaco, quando o dono do estabelecimento o surpreende.

— Perdão, diz-lhe êste amavelmente, é-me impossivel vender esse artigo por esse preço.

— Tenho immensa pena, responde o gatuno no mesmo tom, e restituindo o objecto, mas não posso oferecer mais.

— Desejava uma loção que me fizesse nascer o cabelo.
— Um frasco grande ou pequeno?
— Pequeno. Nunca gostei do cabelo muito comprido...

Num baile, um rapaz insiste em galantear uma dama que não lhe liga a menor importância.

— O que faria, minha senhora — preguntou-lhe êle preparando uma declaração definitiva — o que faria se eu fôsse seu escravo?

— Dava-lhe imediatamente a liberdade — replicou a dama aceitando o braço doutro cavalheiro que a convidava para um tango.

■

Numa batalha um soldado é derrubado por uma bala, que lhe quebra uma perna.

Um *cabo*, que combatia ao lado do ferido, vendo-o caír, põe-no ás costas para o levar para a próxima ambulância.

No caminho, porém, um obuz leva a

O roubado para o ladrão que está enfardelando o que apanhou:
— Veja se se despacha, pelo amor de Deus!... Olhe que o meu seguro contra roubo expira á meia noite.

cabeça do pobre soldado, sem que o que o conduzia désse por tal.

Chegado á ambulância, pregunta o médico com pasmo:

— Para que me trazes cá isso, homem? Já nem cabeça tem!...

— Já não tem cabeça?! exclama o cabo. Ai, o grande mentiroso... que me disse que a bala só lhe tinha quebrado a perna!

■

Certo indivíduo que não primava pelo asseio nem por saber guardar as conveniências, dizia numa reunião:

— Mulheres! Mulheres! Nunca me preocupei com os seus juramentos. Mudo de mulher como de camisa.

— Ainda bem! — respondeu uma senhora fitando-lhe o enxovalhado peitilho — não o supunha tão constante.

■

— Com que então não teve filhos do seu primeiro matrimónio?

— Não, minha senhora. A minha defunta era estéril.

— Coitada! Por doença de família?

— Suponho que por parte do pai...

VIDA ELEGANTE

Noite de Gala

Constituiu sem dúvida alguma, não só um acontecimento mundano como artistico, a festa «Noite de Gala» que se realisou no salão do restaurante Casino Estoril, na noite de 1 do corrente, levada a efeito pelos cronistas mundanos e nossos colegas de trabalho Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, que constou de «jantar à americana» seguido de baile, durante os quais se exibiu a notável artista Carmen Amaya, a alma que dansa, em vários números do seu vasto reportorio, que se fez acompanhar de seu pai, seu tio e seu irmão, os «Reis dos Ciganos» de Granada, que obtiveram um êxito extraordinário sendo obrigada pela selecta assistencia que enchia o vasto salão a repetir vários números, cousa que não é de uso nêsse centro de diversões.

O aspecto do salão do restaurante na noite de 1 de Outubro, excedeu tôda a espectativa, atraíndo ali tudo que de melhor ainda se encontrava a essa data, tanto em Cascais, e Estoril, como em Sintra e nas restantes praias da Costa do Sol.

Os festejados, que gosam das gerais simpatias no meio mundano, não se pouparam a despezas, levando à Costa do Sol, um número como a Carmen Amaya, com os «Reis dos Ciganos», marcando assim as suas qualidades como organisadores do espectáculo de arte e de elegância.

Damos em seguida a nota da selecta assistencia a essa festa que decerto ficará para sempre gravada a letras de ouro nos anais do Casino Estoril, como uma das mais brilhantes das últimas temporadas:

Marquesa de Cadaval, condessa da Póvoa, condessa de Carnide e filha, viscondessa de Almeida Garret, D. Izabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Alda Guedes Pinto Machado e filhas, D. Alice Guedes de Herédia, senhora de Pedroso Rodrigues, D. Júlia Camacho Santos, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Berta Gurmondez, D. Sára Burnay Paiva de Andrade e filhas, D. Merita Abudarham Abecassis e filha, D. Clara Abudarham Buzaglo e filha, D. Inês Barroso Gomes, D. Felismina Canes Cardim, D. Fernanda Bettencourt Moreira de Carvalho e filha, D. Felismina de Sousa d'Eira, D. Adelina Santos, D. Maria do Carmo da Cunha e Meneses Corrê, de S mpaio, D. Maria Tereza Pinheiro de Melo Espírito Santo, D. Ludovina Soares de Albergaria Diniz, D. Carmen Morales de los Rios de Cıstro e fi has, D. Maria do Carmo da Câmara de Noronha Husum, D. Maria Tereza da Franca de Melo Ozorio, D. Maria da Franca Lencastre, D. Emília Aranha Gonçalves, D. Tomásia Canes Ereira, D. Ida Xavier de Brito Barata e filha, D. Margarida Borges de Sousa Ferreira, D. Maria Amélia Borges de Sousa Estácio, D. Matilde Quintanilha Pinto e filha, D. Maria Madalena Soto Maior Pinto Basto, D. Maria Gabriela Machado Pinto Basto, D. Albina Cordeiro Rebelo, D. Maria Machado Malheiro Reimão e filha, D. Ondina Bernaud Alve Lobo d'Avila Lima e filha, D. Carmen Turnes e filha, D. Júlia de Castro e Almeida de Melo Breyner, D. Maria do Pilar Benito Garcia Salazar de Sousa, D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha e filhas, D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, D. Maria Izabel de Avilez de Sousa Rego, D. Esperança Cardim Bastos, D. Palmira Lucas Torres, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Pinto Balsemão, D. Heloisa Cid Barros Guerr, D. Lucinda da Conceição Pereira Graça, D. Maria Luiza Vinhas, D. Maria de Sousa Machado da Rocha Leão e filhas, D. Maria Amélia Lucas Torres de Farinha, D. Yvonne de Zuzarte Mourão, D. Eugénia Ribeiro da Silva, D. Mar a Luiza Ribeiro da Silva Infante da Câmara, D. Maria Henriqueta Galvão de Sá Ferreira Infante da Câmara e filha, D. Carmen Burnay de Vilhena, D. Ana Figueiredo Cabral da Câmara Ribeiro Ferreira. D Ida Fragoso Alcobia, D. Maria Antónia Caldeira Pires, D. Tereza Machado de Barros, D. Maria Filomena Borges Lamarão Vieira da Rocha, D. Maria Tereza Merques da Costa Horta e Costa, D. Helena Pinto Bastos e filha, D. Maria da Conceição Assis de Brito, D. Maria Jacinta Gomes Barbosa e filha, D. Alice da Fonseca de Sousa Rego e irmã, D. Izabel Maria de Melo Breyner (Mafra), D. Laura Morais de Carvalho, D. Iréne Cara de Sousa, D. Maria Carlota de Somer Pereira Salgado. D. Maria Gomes Salazar de Sousa, D. Maria Adelaide Daun e Lorena de Carvalho Nunes, D. Ana Nunes, D. Ana Nunes de Carvalho Mota, senhora de Nunes de Carvalho (filha), D. Maria Benedita Guedes Pinto Leite, D. Maria Margarida Peixoto da Costa Felix, D. Ida Flóra de Meneses Moreira e filha, D. Maria Tereza Pressler Lino, D. Maria Iglézias Viana de Almeida d'Orey, D. Maria de São Pedro de Mascarenhas, senhora de Victor Cordier, D. Alice Bustorf Silva e filha, D. Natália dos Reis Torgal, D. Elvira Bastos Vicente Ribeiro, D. Guilhermina Marinho da Cunha e filha, D. Sima Cohen Zagury Canes, D. Natália Cohen Zagury Contreiras, D. Berta Goulart Caldas Forte, D. Maria Gabriela Goulart Caldas Forte, D. Simone Berrier de Manzoni de Sequeira, D. Enid Margherite Raul Duval, senhora de Jean Delbruck, D. Eugénia e D. Raquel da Costa Cardoso, D. Berta Belmar da Costa, D. Izaura de Castro Araujo de Santana, D. Maria Antón a de Sousa Pires Rebelo, D. Maria Vecchi Pinto Coelho de Vilhena, D. Maria Moutinho de Almeida, senhora de Vinke, D. Lina de Andrade, senhora de António Pessoa e filha, D. Gracinda de Castro Araujo, D. Maria do Carmo Perestrelo d'Orey Corrêa de Sampaio (Castelo Novo), D. Maria da Piedade e D. Maria Henriques de Lencastre (Alcaçovas), senhora de Jorge Bleck, D. Luiza Maria Cardoso Demoster, D. Ana da Costa Pereira da Cunha, D. Maria Ramalho, D. Maria Harold, D. Maria Mateus dos Santos, Tavares, D. Maria Luiza Mateus dos Santos, D. Grovida Zagury, etc., etc.

Festas de caridade

«CHA MAH-JONG»

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte D. Adelaide Luizelo Lopes, D. Adelina Machado Fernandes Santos, D. Antónia de Saldanha Marrecas Franco, D. Beatriz Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Branca de Ateuguia Pinto Basto, D. Cecília Van-Zeler de Castro Pereira, D. Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, Condessa de Carnide, Condessa das Galveas, D. Fernanda de Bettencourt Moreira de Carvalho, D. Maria da Assunção de Melo Mendes da Silva, D. Maria Izabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, D. Maria Izabel d'Orey Corrêa de Sampaio, D. Maria Madalena de Castro Pereira, D. Maria Roquete de Campos Henriques, D. Matilde Matoso dos Santos, D. Rita de Sommer Pereira e D. Sofia Ferrari de Vasconcelos Abreu, realizou-se na tarde do dia 6 do corrente, no vasto «hall» do Casino Estoril, gentilmente cedido pela direcção um «chá Mah-Jong» de caridade, cujo produto se destina a favor da assistência aos pobres doentes da freguesia de Santos-O-velho, festa que atraiu ao Casino Estoril, uma enorme e selecta concorrência, entre a qual nos recorda ter visto as seguintes sr.as:

Condessa das Galveas, Condessa da Ponte, Condessa de Castelo Mendo, Condessa de Castro, Condessa de Carnide, Viscondessa de Almeida Garrett, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Conceição do Casal Ribeiro de Carvalho, D. Matilde Matoso dos Santos e filha, D. Adelina Machado Fernandes Santos, D. Albina Cordeiro Rebelo, D. Ida da Costa Blanch, D. Sara Burnay Paiva de Andrade, D. Maria Izabel d'Orey Corrêa de Sampaio, D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Horamina Pereira Cardoso, D. Tereza Franca de Me o Ozório, D. Maria Franca de Lencastre, D. Leo Cohen Zagury e filha, D. Maria da Assunção de Melo Mendes da Silva, D. Rita de Somer Pereira, D- Maria Lane Borges de Sousa, D. Maria Tereza Vecchi Pinto Coelho, D. Izaura Roquete, D. Merita Abudarhm Abecassis e filha. D. Clara Abudarhm Buzaglo e filha, D. Maria Tereza de Lima Mayer de Magalhães, D. Maria Madalena de Castro Pereira e filha, D. Júlia Camacho Santos, D. Maria Luiza Ribeiro da Silva Infante da Câmara, D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha, D. Catarina de Vilhena de Sousa Rêgo, D. Inez Alice Barroso Gomes, D. Alice de Sousa Melo, D. Maria Helena Nobre da Costa, D. Maria Tereza Pressler Lino, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Balsemão, D. Maria Beltazar Pinro Balsemão, D. Sime Cohen Casés, D. Berta Goulard Caldas Forte, D. Maria Roquete de Campos Henriques, D. Maria Francisca da Camara Pinto Basto, D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, D. Natália Cohen Zagury Contreiras, D. Lima de Andrade, D. Maria José da Silva Carvalho Santos, D. Laura Morais de Carvalho, D. Maria Assunção Possolo Pellen, D. Maria Luiza do Casal Ribeiro Ulrich Pinto Basto, D. Maria Antónia de Saldanha Marrecas Franco, D. Maria Bernardina Salame Manoel de Queiróz Andrade Pinto, D. Maria da Costa Sousa de Macedo (Esterreja), D. Izabel Maria de Melo Breyner (Mafra), D. Maria Luiza d'Orey, D. Maria da Giz Ferreira Patricio, etc, etc.

Casamentos

Realizou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria Clementina Ribeiro, gentil filha da sr.ª D. Ana do Carmo Ribeiro e do sr. Leopoldino Ribeiro, já falecido, com o sr D. Aires da Câmara Velho de Melo Cabral, filho da sr.ª D. Maria da Glória da Câmara Velho de Melo Cabral e do sr. D. José da Câmara Velho de Melo Cabral, tendo servido de madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª Viscondessa de Botelho e de padrinhos o irmão da noiva sr. Hugo Ribeiro, e o pai do noivo que se fez representar pelo sr. Visconde de Botelho, presidindo ao acto o reverendo Gameiro, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da mãi da noiva um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos, aquem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas para a Madeira, onde vão fixar residência.

— Na paroquial de Santa Izabel, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Gabriela Casal Ribeiro de Carvalho, com o sr. João Baptista Marques, servindo de madrinhas as sr.as D. Maria Inácia Cabral Moncada de Carvalho e D. Maria Amélia Cabral Carreiro de Freitas e de padrinhos os drs Manuel António do Casal Ribeiro de Carvalho e Antero Carreiro de Freitas. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para o solar do tio da noiva sr. Conde da Borralha, onde foram passar a lua de mel.

— Presidido pelo prior da freguesia que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª Lia Luciana Rodrigues Costa de Seabra Rangel, gentil filha da sr.ª D. Lucília Rodrigues da Costa de Seabra Rangel, e do tenente sr. Cezar de Seabra de Rangel, com o tenente sr. Amadeu Soares Pereira, filho da sr.ª D. Maria da Glória Soares Pereira e do falecido oficial do exército sr. Jerónimo Soares Pereira, tendo servido de madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª D. Maria Carolino de Sousa Alvim Rodrigues da Costa e de padrinhos o pai da noiva e o capitão sr. Inácio Rodrigues da Costa.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos a quem foram oferecidos grande número de artísticas prendas, para o Estoril, onde foram passar a lua de mel. Seguindo de ali para as propriedades da Beira Baixa.

D. Nuno.

Um aspecto da festa «Noite de Gala» realizada no Cassino Estoril, organizada pelos nossos colegas na Imprensa Vasconcelos e Sá e Mota Marques. (Foto Reis).

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 68

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

APURAMENTOS

N.º 59

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

MAD IRA
N.º 22

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

NÉGUS VEIGA
N.º 23

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 1, To-My; n.º 4, Efonsa.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 23 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 20. — Capitão Terror, 18. — Salustiano, 18. — Rei Luso, 17. — Só-Na-Fer, 17. — Só Lemos, 15. — Sonhador, 15. — João Tavares Pereira, 15. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 15. — Lamas & Silva, 13. — Salustiano, 12.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 10. — D. Dina, 8. — Lisbon Syl, 8. — Aldeão, 6.

DECIFRAÇÕES

1 — Quebra-brado-quebrado. 2 — Honro-Rosa--honrosa. 3 — Outono. 4 — Judiaria. 5 — Pêga-cuca. 6 - Atalhe. 7 — Póvoa-poa. 8 — Luzido-ludo. 9 — Ligação-lição. 10 — Feiteira-feira. 11 — Grazina-grana. 12 — Fêvera-fera. 13 — Loa (LÁ com 0 (nada) no meio). 14 — Tepe (TP). 15 — Ecuménico. 16 — Cora--ração-coração. 17 — Abas-basto-abasto. 18 — Manda-dado-mandado. 19 — Simil. 20 — Simplesmente. 21 — Latada. 22 — *Leúdo-ledo.* 23 — *Boa casa, boa braza.*

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) *Desfiz* o *feixe* à porta do «*Apolo*». (2-2) 3.
Lisboa — *Barrabás*

2) O *soluço* na criança é aborecido. *Todavia*, evita muitas vezes que ela seja uma *pessoa magrizela*. (2-2) 3.
Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

3) A *estrofe de nove versos* é *nascida* de uma *bagatela*. (2-2) 3.
Luanda — *Ti-Beado*

METAGRAMA

4) «*Mulher*» que se *case* por «*medida*» de precaução é porque receia esperar *doze meses*... (3-4).
Lisboa — *Sincero*

NOVÍSSIMAS

5) Tenho *génio* suficiente para, com *alegria*, produzir obras *harmoniosas*. 2-2.
Luanda — *D'Artagnan Jr. (L. A. C. – T. E.)*

6) Não sabes que aquele *parvo* tem muita *brancura* por ser do *género de marrecos?* 2-3.
Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

7) A «*mulher*» que casa com um *fadista* não pode usar vestidos de *certo tecido de sêda*. 2-2.
Luanda — *Ti-Beado*

SINCOPADAS

8) *Sêlo* ou *estampilha* não é tudo o mesmo? 3-2.
Lisboa — *Bibi (Abexins)*

9) É *carinhoso* o meu *muito amigo* Dr. Sicascar. 3-2.
Luanda — *D'Artagnan Jr. (L. A. C. – T. E.)*

10) O *porco* faz am *ruído* ensurdecedor. 3-2.
Lisboa — *Négus Veiga (Abexins)*

11) A *má* educação ofende a «*razão*». 3-2.
Biscaia — *Quim Mosquito*

12) A *melancia* conserva-se bem dentro de um *fardo*. 3-2.
Luanda — *Ti-Beado*

13) Acha então que uma *mulher cruel* é *simples* de aturar? 3-2
Lisboa — *Valério*

14) Foi pena a festa ao *recem-nascido* ter ficado *sem efeito!* 3-2.
Lisboa — *Yzinha*

15) Um *bêbado* causa-me sempre *receio*. 3.
Lisboa — *Zé da Barra*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

16) O magote tem no meio
Um maroto — O Zé Penela —,
Que a todos causa receio,
Pela falta de *aduela*...

Lisboa — *Lord X*

17) — Ela tem bom *parecer*
Como, geralmente, tem
Tôda a bonita mulher.

— Êle é *frangainho*
Muito bem apanhado,
É mesmo bonitinho.

— Mas no aumentativo
Vê-se grande *janota*
Um tanto pensativo.

Luanda — *Ti-Beado*

LOGOGRIFO

(Em dia de S. João)

(Agradecendo, muito penhorado, à gentil «Mad Ira» a sua charada «Levedura»)

18) Sem ser bruxo nem prior,
Sem a ouvir de confissão
Mas... cá por coisas .. ó Rosa!
Sei que «Mad Ira» formosa,
Pelo Santo Precursor,
Tem enorme devoção.

Que a história que vou contar
Não lhe esfrie a adoração:
Tenha-lhe sempre um lugar
Dentro do seu coração.

Nos *tempos* da «propaganda» — 4-8-6-5-9
Que foi a *glória* de Cristo, — 3-8-6-8-5
João entrou numa locanda,
Com recato, sem ser visto.

Era de *noite*. O santinho — 3-4-8-2-5
Após um «bródio» de truz,
De esgotar *copos de vinho*, — 9-1-2-8-9
Ficou a *dormir*. Jesus — 2-7-2-5-6

Indagou dele os motivos
Porque faltara. E João
Respondeu: comera figos...
Tivera uma indigestão...

Cristo exclamou, confiante:
«Oh! árvores abençoadas!
«Vós ides dar, d'ora-avante,
«Em vez duma, três camadas!»

Quem mente espere os castigos!...
— Disse com *mágoa* o santinho — 5-2-3-7-5
Se digo uvas e não *figos* (*)
Tinha mais barato o vinho...

Lisboa — *Sileno*

MEFISTOFÉLICA

19) Um grande *acontecimento*
Hoje se vai *celebrar:*
A «*Ema*» do Nascimento
Vai casar! — (2-2) 3

Lisboa — *Dama Negra*

METAGRAMA

20) Não me faça arreliar,
Seu Zé Nabiça, senão
Por fôrça lhe hei-de *aplicar*
Nas trombas um cachação.

E a seguir outro *maior*,
Se ao outro não fôr *igual*...
Não me irrite, por favor,
Senão a coisa vai mal.

Ao ver do Chico as maneiras,
O Zé Nabiça tremeu...
E com mêdo das *poeiras*
Nem mais pio sequer deu. — 3-4

Lisboa — *Laura-Ensa*

NOVÍSSIMAS

21) Quando a Morte me levar
Desta vida aborrecida,
Cuidadinho ao transportar
O meu *caixão* p'ra jazida! — 2

Não quero gatos pingados, — 1
Gritos, soluços ou ais,
Nem pesares disfarçados,
São aldrabices demais...

Não é *segrêdo* p'ra mim
Do que se faz ao mortal.
Dispenso, por isso, assim
A fantasia final...

Lisboa — *Kossor*

22) Essa *luz* do teu olhar, — 2
De que me «*queixo*», querida, — 2
É «*chamada*», para amar,
O farol da minha vida.

Lisboa — *Miss Diabo*

23) Quem charadismo *pratica*, — 2
Que fuja sempre de usar,
Nos trabalhos que fabrica,
Os termos de auxiliar.

Causa-me certo *pesar* — 1
Ver por aí charadas tantas,
Só em peixes a falar,
Em rios, aves e plantas!

Sendo em sinónimos grande
A língua pátria, é um defeito
Que tem todo aquele que ande
A maus termos muito *afeito*.

Biscaia, Alb.-a-Velha — *Olegna (L. A. C.)*

(*) *Casta de figo branco muito doce.*

TRABALHOS DESENHADOS

24) ENIGMA PITORESCO

Lisboa — *Ivo Rama*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

O CONVENTO DE TIBÃES

A vida dum santo poeta

Quem percorre de automóvel as lindas estradas do Minho, que se pode chamar sem exagêro o jardim de Portugal, é surpreendido continuamente pela descoberta de lindas casas e de monumentos, que se escondem entre o formoso arvoredo, como a pérola se esconde na sua concha e a joia no seu escrínio de veludo.

Casas maravilhosas de tôdas as épocas desde a Idade Média, espreitam-nos com as suas tôrres ameiadas, mas, como o Paço de Giela, próximo dos Arcos de Val de Vez, ou como a casa de Curutelo, na estrada que vai de Viana-do-Castelo a Braga, palácios sumptuosos outros como a Brejoeira próximo a Monção, Bretiandos nas vizinhanças de Ponte do Lima e tantas e tão numerosas, porque estas estradas pode dizer se que são ruas, tão povoadas são, tanta casa boa as ladeia e tão lindos vergeis, dum lado e de outro as acompanham, que mais parecem ruas de sumptuoso e interminável parque.

Antigos conventos aparecem aqui e ali rememorando com as suas obras de Arte o muito que a igreja fez para enriquecer o país com monumentos perduráveis e onde, se estuda a arquitectura antiga onde se encontram os mais belos azulejos, as sumptuosas talhas doiradas, e as telas admiráveis.

Ainda que os inimigos do catolicismo o neguem, em Portugal pode dizer-se que só a Igreja se interessou pela Arte e todos os nossos monumentos e as nossas relíquias artísticas se encontram nas igrejas ou nos antigos conventos.

Quem sai de Braga encontra bem próximo da Cidade, quasi nos seus arrabaldes o Convento de Tibães, que ao fim dum caminho de aldeia nos surpreende com o seu enorme adro onde se ergue um grande e artístico cruzeiro, em frente da sua fachada sumptuosa e da escadaria que conduz ao vasto templo.

Tibães ao aparecer á nossa vista confunde-nos porque tem grandiosidade e ao visita-lo prende-nos porque tem beleza, suavidade e encanto.

Claustro do cemitério

Fundado pelos Beneditinos foi em Portugal a cabeça da Ordem e ali os frades estudiosos dessa Ordem, ao estudo e a ciência se dedicaram, tinham o ambiente de repouso e beleza que predispõe o espírito para a beleza, as almas para Deus e os corações para o bem.

Desde de 1840 desapossados os frades de seus bens o Convento pertence em parte a um particular, assim como a formosissima e extensa mata.

O panorama que das janelas do Mosteiro se disfruta é extenso e lindo, duma suavidade de luz, de uns fundos de verdura esmaltados dos mais doces tons sobressaem igrejas e casas e sôbre tôda a paisagem existe um aspecto de soberana paz.

A Igreja de Tibães possuili ndas talhas doiradas, muito bem conservadas, alguns quadros interessantes e um côro formoso que em baixos relêvos de madeira tem as figuras de todos os beneditinos, que se distinguiram como Santos, Papas, Cardeais, Bispos e outras dignidades da Igreja.

Os Claustros são lindos e todos diferentes uns dos outros mantendo, apesar de arruinados, alguns restos da sua arquitectura.

A sala do Capítulo conserva admiravelmente os mais lindos azulejos do século XVII e das suas janelas vê-se a linda mata, que sobe a montanha entre renques de buxo e tanques de água, e regatos, que fazem à mata, um colar de águas cantantes, sob a abobada verde da ramaria alta do soberbo arvoredo.

O formoso escadório de S. Bento com as suas fontes de água cristalina e de linda arquitectura leva-nos à pequena capelinha do fundador da Ordem, e tem nas paredes a sua história em lindos azulejos.

Essa mata com o seu grande lago rodeado de verdura, o seu escadório as suas águas cantando em tanques de lindas pedras trabalhadas, fez-nos sentir a influência da arte italiana, que os beneditinos transportaram ao nosso país.

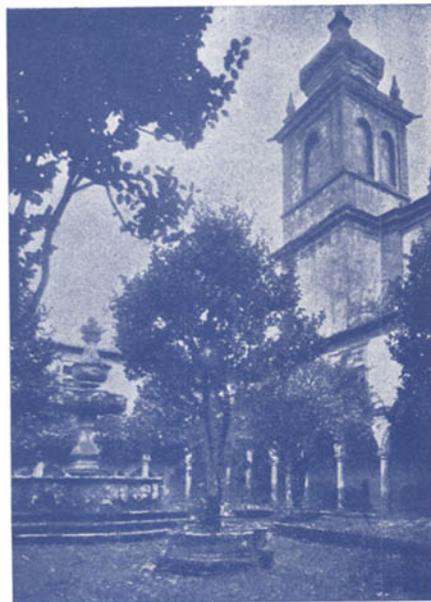
Sentimo-nos levados aos lindos jardins romanos, de Frascati e ante os nossos olhos surgem as matas deslumbrantes da «Villa Aldadrandini» ou da «Villa Mondrogone»

E nesses verdes caminhos, nesses retiros, sentimos palpitar a religiosidade de aqueles que ali fugidos do mundo se dedicavam a Deus, ao estudo e à ciência num austero recolhimento.

Uma das impressões que ali se encontra é a evocação dum grande espírito, contemporâneo. Numa pequena capelinha próximo à igreja, conservam alguns beneditinos, poucos, que ali se abrigam, a recordação de D. Bernardo de Vasconcelos, a sua cama de ferro onde sofreu o martírio da tuberculose óssea, os seus retratos desde criança.

Bernardo de Vasconcelos novo, belo, rico e amado, trocou todos os bens dêste mundo, bens passageiros, pelo burel de frade beneditino. O seu espírito de poeta cristão, a sua alma cheia de bondade simples, o seu coração ardendo em amor, não se adaptavam à vida mundana dêste século de destruição e de imoralidade e o seu sonho foi dedicar-se à vida monastica e servir a Deus. Filho duma família nobre, nasceu na casa de Marvão em S. Romão do Corgo, estudante em Coimbra era querido pelos seus condiscípulos, que diziam: o Bernardo nasceu para santo.

Presidente e vice-presidente do C. A. C. de Coimbra, foi duma grande actividade em horas em que era duro trabalhar.

Entrou para a Ordem de S. Bento e fez o noviciado em Samos, em Espanha.

Um aspecto de Tibães

Mas a sua ambição suprema e nunca realisada, era vir para Tibães, para êsse convento, que foi a cabeça da Ordem, viver nesse ambiente de paz, de silêncio, apenas interrompidos pelo ramalhar do arvoredo e pela música cristalina das águas, que numa harmónica sinfonia caem nos tanques, soluçando ou rindo, conforme o sol as acaricia ou a tempestade as açoita.

Era ali que o seu espírito de poeta queria viver e amar a Deus, êsse poeta que dizia:

Eu sinto dentro em mim o estranho anseio
de ser de novo o que já fui outrora:
Inocente, dizer a Deus: — eu creio!
e criança formar-me de hora a hora!

E ler no torturado olhar de agora
excelsas expressões de alado enleio:
Ter a pureza pela vida fora,
poder senti-la dentro do meu seio...

Ah! pudesse eu voltar ainda à infância
e dar realidade à minha ânsia:
libertar-me do corpo pecador...

A renúncia seria o meu calvário,
as lágrimas da dor o meu rosário
e a vida nova um cântico de amor!

Êsse cântico de amor realisou, quando anos depois sofreu com a maior resignação a mais torturante das doenças e acabou aos 32 anos com a mais completa resignação à vontade de Deus.

Neste século de bolchevismo, de egoismo, de ambição e de amor ao prazer, ainda florescem almas santas, como Frei Bernardo, que nos mostram que apesar de tudo ainda há na humanidade almas belas e puras, que nos reconciliam com a vida.

E nesse Tibães que êle tanto amou sente-se o perpassar da sua alma branca, ecoa nas matas frondosas, a música dos seus versos.

Portugal é um país em que a beleza da paisagem, a doçura do clima, a tradição e a história, geram ainda almas de poetas e de santos.

E neste convento de Tibães na paz da sua mata, na grandiosidade dos seus corredores, na melancolia dos seus claustros, no coração do seu poeta de alma de santo, nós sentimos reviver a Fé em Deus, e, aumentar a Esperança no futuro da Raça que saberá ressurgir a glória do seu passado, manter a civilização do presente e viver na suprema aspiração do bem que é a caridade.

Maria de Eça.

PÁGINAS FEMININAS

Com prazer e satisfação todos os que se interessam pelo futuro da raça e o progresso do país, vêm a orientação que o govêrno está dando à mocidade portuguesa, é preciso criar na alma dos novos o amor à Pátria, o carinho pela nossa história e pelo nosso brilhante passado, para que o futuro de Portugal seja não só digno do passado, mas mais próspero ainda se fôr possível.

E' absolutamente necessário contrabalançar a propaganda nefasta de teorias destruidoras e internacionalismo, que nunca pode representar senão destruição das raças, e negra escuridão a uma ditadura vermelha, cruel e opressora.

Mas para que esta bendita cruzada que o govêrno empreendeu tenha uma eficaz realização, é necessário que todos o auxiliem e patrioticamente o ajudem neste combate do bem contra o mal.

E é esta a altura em que a mulher pode exercer o mais benéfico auxilio prestando ao país os mais relevantes serviços, na preparação de almas, que possam mais tarde contribuir para a continuação da obra agora começada.

A mulher tem como educadora o mais importante papel na sociedade, porque ela deve ser, quem forma a moral das crianças quer como mãi, quer como professora.

E' preciso que a mulher se convença e compenetre do muito bem que pode e deve fazer. A situação mundial tão grave e séria impõe a tôdas ásperos deveres. Neste momento em tôda a parte se trava uma dura batalha, surda nalguns países, ao sol e à luz, gloriosamente, na visinha Espanha.

A civilisação corre o maior perigo e é com tôda a coragem e isenção nós vemos ao ler e ouvir as noticias que nos vêm de Espanha, o que têm feito aqueles que dizem combater pelo bem da humanidade

Matam, incendeiam, destroem sem se lembrar que a felicidade nunca pode nascer da crueldade e do sonho, as mulheres têm sofrido os maiores ultrajes como se êsses entes que dizem procurar o bem não tivessem tido mãi e não tenham irmãs.

A mulher cruelmente atingida tem de ser estrenua defensora da civilisação ameaçada, mas para isso a mulher tem, sem deixar a sua encantadora feminilidade pôr de parte a nociva futilidade e encarar corajosamente o seu dever e a dificil tarefa que lhe incumbe.

Acabemos com certas vidas dedicadas só ao divertimento e à inutilidade, e, mãos à obra no que há para fazer.

Horas perdidas em visitas e chás que escangalham o estômago e nada de útil trazem, sejam aplicadas em uteis obras de acção social, para as que não têm filhos, e aquelas que de Deus receberam essa honra mostrem-se dignas dela educando-os com todo o interesse.

O divertimento deve ser uma recompensa ao trabalho e não um fim na vida.

Nesse ponto têm razão os bolchevistas quando apontam a inutilidade de certas vidas, que nada produzem, mas é bem fácil demonstrar-lhe que dentro da actual civilisação tudo se pode modificar e melhorar, o que é preciso é que a mulher compreenda bem o seu papel na sociedade.

A mãi tem de formar a moral de seus filhos e combater asperamente contra muitos inimigos. Uma das coisas que se torna necessário é incutir aos novos a verdadeira noção da moral, que os maus livros e o cinema lhe têm dado.

A mulher deve fazer a oposição sistemática aos maus espectáculos que depravam o sentido artístico. Na temporada passada o cinema ofereceu-nos uma fita que era um mimo de delicadeza e de Arte.

«Quatro raparigas» é uma fita admiravelmente representada pela grande artista que é Katherine Isepluru e que tôda a gente nova pode ver, quadras interessantissimas, graça singela, todos os predicados para agradar.

Pois bem não foi uma fita de grande sucesso. O paladar depravado, chamemos-lhe assim, da multidão achou-a insipida, apenas porque lhe faltava o tempêro das cenas imorais, aos beijos excitantes e dêsse cortejo de coisas que torna tão apreciadas algumas fitas, sem valor de qualidade alguma que nem mesmo a arte se pode invocar.

E' neste sentido que a mulher tem de orientar o seu espírito reeducar-se, sendo preciso, refazer o seu gôsto para o incutir àqueles que dela dependem, e, de quem têm a responsabilidade moral.

Mostrar, que os espectáculos imorais lhe desagradam não frequentando, e compreender que essa imoralidade, que livremente campeia, contribue para entorpecer a alma e o entendimento das novas, e, é uma porta aberta a essas idéas, que muitas temem, mas não sabem combater, reagindo, e, tendo a coragem de modificar a sua vida e de a orientar no sentido da utilidade e do bem.

Custa mas tem de ser porque é gravíssimo o perigo que nos ameaça e de que a Espanha é uma simples amostra.

Maria de Eça.

A moda

Estamos já em pleno outono e ás portas do inverno, os dias pequenos anunciam já a chegada da má estação e é preciso pensarmos nas «toilettes» com que faremos a nossa entrada no inverno, tendo voltado à cidade, depois dumas férias mais ou menos longas.

A vida modifica-se, voltamos ás nossas obrigações, de trabalho, umas e de sociedade outras.

E não são muitas vezes menos duras essas, porque o devertir por obrigação, é bem penoso muitas vezes, para aqueles cuja vida obriga a uma sucessão de festas a que já se não encontra interesse.

Ainda estamos longe da época de festas na cidade, mas a verdade é que pode aparecer um inesperado convite e os vestidos, que aguentaram a temporada nos Casinos das praias e termas, em noites sucessivas de dansa não estão em estado de se apresentar numa reunião elegante e torna-se necessário fornecer de novo o guarda-vestidos.

Temos hoje para a noite um lindo e original vestido em musselina de seda azul pálido e côr de rosa sobrepostas as côres o que forma uma linda tonalidade em «changeant». A saia é completamente «Gaufrére», e, o corpo do vestido é formado por uma longa «écharpe» que enrolada no busto ata na cintura num abundante laço, cujas pontas caem até à borda da saia.

O penteado modernissimo termina na nuca por um elegante «chignou» tendo aos lados umas grandes «boneles plates».

Outro lindo vestido em tule branco «perlé» em graciosos desenhos. Muito simples de corte molda-se ao corpo formando apenas »godes» muito em baixo da saia que tem apenas uma ligeira cauda.

Como abafo e complemente da «toilette» uma linda capa em raposa, forrada de veludo e guarnecida com duas orquídesa. E' para notar que o vestido de tule sobe mais acima no decote, do que o «faurreau» de setim branco o qhe dá um lindo «naelé» no decote, dum efeito muito novo.

Para de dia um lindo vestido muito confortável de saia e casaco «traisfuarts», um lindo xadrez, tudo o que há de mais elegante. Por dentro colete de lã «tricoté» do tom mais escuro do xadrez, enquanto que a «écharpe» em grossa lã dos Pireneus, e na côr mais clara do xadrez.

O chapeu é em feltro, sapatos de camurça e luvas de pele de cavalo.

Outra elegantíssima «toilette», para a rua, em «tweed» de saia e casaco género blusa russa em côr «beije» a gola é originalíssima pois que é feita numa «écharpe», em veludo castanho. O chapelinho é em feltro beije e veludo castanho, luvas em «suéde» castanho.

Os feltros simples e desabados continuam a ser muito de moda e é sem dúvida um género de chapeu, que sempre agrada, não só porque é muito elegante, mas também muito prático e cómodo. Um dêstes chapeus vai com tôdas as «toilettes» simples.

O calçado preocupa sempre o mulher elegante é não é sem razão, uma senhora por mais bem vestida que esteja, se estiver mal calçada a sua «toilette» não está completa.

Calçar bem é calçar à moda e usar sapatos adequeados à «toilette» que se usa, não pode calçar bem, quem usar com o vestido tailleur os mesmos delicados sapatos, que se usam com um vestido de tarde.

Damos hoje dois lindos modelos de sapatos para usar com vestidos simples, fechados como é próprio para inverno, são ambos atados no peito do pé, de meio salto têm uma forma elegante e são muito cómodos para andar, o que permite sem sacrifício fazer o melhor dos exercícios. Neste ponto a moda é agora muito favorável e acabou com os altíssimos saltos que impediam a mulher de dar um passo.

Viajar

A viagem é uma arte e nem tôdas as senhoras a tem, de aí tantas queixas de alguns maridos apaixonados de viagens, e, que se queixam que suas mulheres não sabem viajar.

Para viajar é preciso primeiro que tudo dispôr o espírito para achar tudo bem e acabar com certas pieguices que algumas senhoras costumam ter. Quem quer viver de comodidades não sai de casa.

A maneira de vestir tem também uma grande influência. Para evitar os cabelos em desordem é recomendável o uso duma rede invisível de cabelo.

A roupa apertada na cintura também dispõe mal, por isso é de aconselhar um vestido inteiro e um casaco comprido de viagem. Não se deve usar uma cinta comprida, mas como os rins se podem ressentir, não se deve viajar sem uma cinta elástica.

Se a circulação do sangue não é boa é preciso evitar a inchação das pernas e nunca usar ligas. O calçado deve ser leve e cómodo com um salto baixo que dê ao andar tôda a comodidade. E assim equipada e com a disposição de achar bem todos os inconvenientes, tôda a mulher pode ser uma intrépida viajante e óptima companheira.

A casa e a elegância

A nossa casa ressente-se sempre da moda, que tirana em tudo, decreta como vestir-nos, comermos, e arranjarmos a casa. Ultimamente a moda tinha decretado que não era elegante, nem bonito, nem higiénico o papel ou a seda nas paredes, e aí estavamos nós sujeitas a viver em quartos e salas de paredes pintadas duma côr unida, com um aspecto de hospital, onde navegavam perdidos, três quadros o máximo.

A ornamentação era expulsa das casas, como o vestuário o era do corpo, um interessante escritor francês dizia: «A nossa época é a do nudismo, ela despe tudo.»

Nem lustres, nem quadros, cortinas o menos possível e a casa muito higiénica tinha um aspecto completamente despida, de acampamento por pouco tempo. Não havia retratos de família, recordações de tempos passados a casa nua, nada nos dizia do que sentiam ou pensavam os seus donos.

Mas agora a moda inconstante como só ela, voltou aos papeis pintados, que dão sempre um aspecto confortável e simpático, apareceu de novo os lustres venezianos, os quadros que dão às paredes o ar acolhedor e que definem uma casa.

As delicadas cortinas de tule em côres suaves, numa bela harmonia com o tom das paredes dão ao ambiente uma linda luz que mais aumenta o bem estar. Nas paredes aparecem lindas placas em cristal que lembram a antiga iluminação a velas, mas que a luz elétrica faz vibrar com os mais irisados tons.

Enfim voltamos a viver em casas e não em acampamentos ou quartos de hospital e coincide esta moda com a dos vestidos, com mangas, as pernas cobertas. A moda feminilisa-se e a casa volta a ter a simpática feição de lar.

Higiene e beleza

Há muitas senhoras que se queixam que depois duma temporada no campo ou à beira-mar a pele começa a ressentir-se e a aparecer nela uma espécie de impigens, que formam umas pequenas placas.

E' bom fazer atenção ao bom funcionamento de intestinos, porque pode ser que não seja só o excesso de ar livre que produza essa irritação na pele que se explica. Há peles duma delicadeza que tudo as irrita.

Se a pele é gordurosa deve passar-se a cara com um algodão embebido em alcool e em seguida aplicar lanolina pura e pó de talco.

Sendo a pele seca, passar a cara com um algodão embebido em leite, no qual se deitarm prèviamente umas gôtas de limão. Em seguida aplicar lanolina e trabelina, que se misturam em partes eguais e pó de talco. E' bom lembrar que as pessoas de pele gorda devem sempre lavar a cara em água morna.

De mulher para mulher

Mãi extremosa: Claro que a informaram bem e a única coisa que tem a fazer é pedir uma transferência de liceu, com a maior brevidade.

Não compreendo a sua aflição, porque não há nada mais natural na vida dum oficial, do que pedir transferência, dum para outro, vê-se que tem sido uma minada da sorte.

Elvira: E' bonito vê-lo mas não em excesso porque pode cair na antipática soberba, se êsse rapaz se lhe dirigiu com tanta franqueza, não vejo no que sente a sua altivez ferida, se gosta dêle aceite a sua declaração, se não gosta diga-lho com igual franqueza.

Arlette: E' bem verdade o que lhe afirmaram, não se vê em Paris êsse excesso de pintura, nas senhoras distintas. Pó de arroz um pouco de «rouge», ligeiramente «baton» nos lábios, um ar muito cuidado mas não êsse exagêro, não creia que essas suas amigas são botas de elástico, é que em vez de frequentarem «cabarets» frequentaram os meios da sociedade distinta.

Bridge

(Problema)

Espadas — A. 5, 4, 3.
Copas — D. V. 4, 3.
Ouros — R. 10, 8.
Paus — D. V.

Espadas - R. D. V. 8.
Copas — R. 10, 9, 8.
Ouros — 3, 2.
Paus — 7, 6, 4.

N
O E
S

Espadas — 10, 9, 7, 6.
Copas — 7, 6, 5.
Ouros — 7, 6, 5.
Paus — 8, 5, 2.

Espadas — 2.
Copas — A. 2.
Ouros — A. D. V. 9. 4.
Paus — A. R. 10, 9, 3.

Trunfo é ouros. *S* dá chelem grande, saindo *O* por espadas.

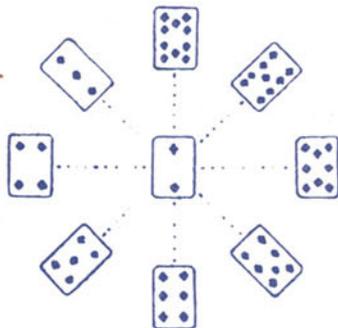
(Solução do número anterior)

S joga espadas. *O* vê-se obrigado a deixar passar, senão as outras duas espadas de *N* passam a ser firmes. *S* joga, em seguida paus. Se *O* e *N* deixarem passar, *E* balda-se a ouros ou a espadas. *S* torna a jogar paus e *O* cobre com o Az, enquanto que *E* tem de tornar a baldar-se.

Se agora *O* jogar o Az de espadas e a carta pequena de copas, as baldas de *E* dão a *N* e a *S* as restantes vasas.

Se *O* jogar primeiro copas, *S* cobre e joga ouros, dando a mão a *E*, mas o Az de espadas de *O* não se faz.

As nove cartas

(Problema)

As nove cartas de um naipe, desde o dois até ao dez, estão dispostas pela forma que se vê no diagrama junto, somando os pontos 12, 18, 16 e 14 respectivamente ao longo das linhas rectas, com três cartas em cada linha.

Trata-se de dispôr as cartas novamente, de maneira que os pontos somem 18 em cada linha recta, num diagrama semelhante a êste.

Porque se fazem tinir os copos na ocasião dos brindes

Nos tempos antigos, depois de se fazer um brinde, era costume partir-se a taça por onde se tinha bebido, obedecendo à ideia de que esta nunca deveria tornar a servir para algum brinde que, porventura, fosse menos leal.

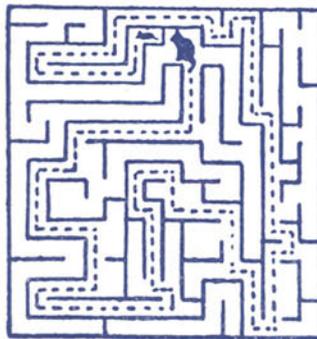
Este hábito foi-se perdendo, mas conserva-se ainda a sua reminiscência, sendo o tinir dos copos, hoje verdadeiramente, o simulacro de os partir.

O nó gordio

Assim é chamado, do seguinte incidente na história clássica:

Gordio, um rei da Frigia Maior, sendo elevado da lavoura para o trôno, colocou os arreios, ou guarnição do seu carro e dos seus bois no templo de Apolo, atados num tal nó, que foi prometida a monárquia do mundo inteiro a quem o pudesse desatar, o que Alexandre, depois de muito tentar sem conseguir, cortou com a sua espada.

O gato e o rato

(Solução)

Os tártaros calmucos

As mulheres calmucas andam a cavalo melhor que os homens. Um calmuco, quando está a cavalo parece embriagado e que vai cair a cada momento, posto que isto nunca lhe aconteça; mas as mulheres sustêem-se melhor e mostram extraordinário jeito para a equitação. É até da seguinte maneira que se fazem os desposórios entre os calmucos.

A rapariga monta primeiro a cavalo e corre à rèdea solta; o noivo persegue-a e, se a apanha, volta com ela para a sua tenda e ficam assim casados. Ás vezes acontece não querer a rapariga casar com o que a deseja para mulher, e então não se deixa apanhar.

Asseveram nem uma só vez ter acontecido, que alguma rapariga fôsse alcançada por êste modo, salvo tendo ela vontade de ser mulher do que a persegue.

Xadrez

(Problema por S. Schuster)

Brancas 5 — Pretas 2

Jogam as brancas e dão mate em dois lances.

O mar em fogo

É um curioso e surpreendente fenómeno que bastantes vezes pode observar-se no mar Cáspio nas proximidades de Bakan.

Esta região é riquíssima em reservatórios naturais de nafta (petróleo em bruto) e por investigações científicas tem-se provado que no fundo do mar como nas planícies marginais, existem numerosos reservatórios d'essa substância inflamável. Algumas vezes, quando se abrem fendas no leito do mar, saem gazes de nafta em quantidades consideráveis que veem espalhar-se na superfície da água, formando uma espuma efervescente. Quem lançar então sôbre a água uma mecha inflamada, poderá gosar êste espectáculo grandioso e fantástico: uma grande labareda surge no sítio onde cáe a mécha e êsse fogo propaga-se com uma rapidez espantosa; dentro em pouco, o mar é coberto de milhares de línguas de fogo que se elevam por vezes a uma grande altura e que lançam uma chama avermelhada, com cambiantes de amarelo e violeta.

Este grande incêndio pode durar muitos dias e só se apaga, quando as fendas submarinas deixam de expandir os seus gazes ou uma forte ventania consegue extinguir as chamas.

Pensamentos

Quantos neste mundo, de um dia para o outro ficaram pobres, por terem querido ser muito ricos.

Os caminhos floridos não conduzem á vitória.

— Que pasmaceira, a dêstes homens! Parece que nunca viram um cão daquele feitio

(Do «Tit-Bits»).